

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – SP**  
**PUC – SP**

**SANDRA APARECIDA DE SOUZA**

**MULHERES E A MULTIPLICIDADE DE PAPÉIS: A RETRAMATIZAÇÃO DAS  
ESCOLHAS NO MOMENTO ATUAL.**

**SÃO PAULO**

**2017**

**SANDRA APARECIDA DE SOUZA**

**MULHERES E A MULTIPLICIDADE DE PAPÉIS: A RETRAMATIZAÇÃO DAS  
ESCOLHAS NO MOMENTO ATUAL.**

Monografia apresentada ao curso de Pós Graduação *Latu Senso* Especialização: Formação em Psicodrama da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, convênio com a Sociedade de Psicodrama de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Psicodrama, sob a orientação da Professora Mara Sampaio.

**SÃO PAULO**

**2017**

**Banca Examinadora**

---

Orientadora: Mara Sampaio

---

Alcione Dias Gonçalves

---

Débora de Mello e Souza

Todo êxito esconde uma abdicação.

Simone de Beauvoir

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus filhos que estão sempre presentes me ensinando o valor de compartilhar.

À querida Márcia Almeida Batista, pelo apoio e inspiração.

Aos professores da PUC e da SOPSP pela dedicação e carinho ao ensinar.

À Mara Sampaio, gratidão pela orientação.

Às mulheres espontâneas e criativas.

## RESUMO

Existe atualmente uma busca para desvendar quem é a nova mulher que surgiu após todas as transformações sociais e as inclusões de novos papéis. Ao mesmo tempo há um esforço para resgatar o sentido ancestral de ser mulher. Esta monografia tem como objetivo investigar e refletir sobre as escolhas que as mulheres tem feito atualmente, a considerar as transformações e a multiplicidade dos seus papéis na sociedade. Foi aplicada a pesquisa qualitativa com o método sociodrama e utilização da retramatização. A pesquisa foi feita com um grupo de mulheres, atraídas pela curiosidade e também pela busca de reflexão sobre seus papéis. A escolha pela retramatização para investigar os papéis da mulher foi apropriada, pois busca os fios individuais para posteriormente tecer a trama das histórias coletivas. O levantamento bibliográfico mostra o papel secundário que a mulher exerceu ao longo da história e ainda as transformações de seus papéis. O resultado da intervenção no grupo demonstrou quais as escolhas que estas mulheres tem feito. Além disso, provocou reflexões nas mulheres sobre o papel individual e coletivo que ficaram evidenciados no sociodrama.

Palavras chave: Psicodrama, sociodrama, retramatização, mulheres, papéis sociais.

## **ABSTRACT**

There is currently a quest to find out who is the new woman that has emerged after all the social transformations and the inclusion of the new roles. By the same token, there is an effort to rescue the ancestral sense of being a woman. This essay presents a contribution to the Psychodrama in the use of the re-plotting technique. The qualitative research was applied with the sociodrama method and the use of re-plotting. The intention is to investigate and reflect on the choices women make today, considering the transformations and multiplicity of their roles in society. The research was done with a group of women, attracted by curiosity and also by the search for reflection on their social roles. The choice of re-plotting to investigate the woman's roles was appropriate because it sought the individual threads to later weave the plot of the collective stories. The bibliographic survey shows the secondary role that women have played throughout history and the transformations of their roles. The outcome of the intervention in the group demonstrated what choices these women make. In addition, it provoked reflections on the women about the individual and collective role that were evidenced at the end of the session.

**Keywords:** Psychodrama, sociodrama, re-plotting, women, roles.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 - Psicodrama .....	14
2.1.1 O que é psicodrama – Jacob Levy Moreno .....	14
2.1.2 Socionomia: Sociodiâmica, Sociometria e Sociatria.....	15
2.1.3 Teoria de Papéis.....	16
2.1.4 Conserva Cultural, Espontaneidade e Criatividade .....	18
2.2 As mulheres e seus papéis .....	20
2.2.1 A mulher na história do mundo. ....	20
2.2.2 A construção do papel da mulher .....	26
2.2.3 Os múltiplos papéis da mulher e suas escolhas .....	28
3. METODOLOGIA.....	33
3.1 Foco e contexto.....	33
3.2 População alvo.....	33
3.3 A pesquisa qualitativa e o Psicodrama .....	34
3.3 Método: Sociodrama .....	34
3.4 Contextos – Social, grupal, psicodramático. ....	36
3.5 Instrumentos – Cenário, Diretor, ego-auxiliar, protagonista, plateia. ....	37
3.6 Etapas - Aquecimento, Dramatização, Compartilhamento e Processamento.....	40
3.7 Técnicas básicas - duplo, espelho, solilóquio, inversão de papel.....	44
3.8 Técnica utilizada - Retramatização .....	45
3.9 Protocolo do encontro.....	46
4. DISCUSSÃO.....	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
6. REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA.....	60

## 1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema iniciou há muitos anos, quando li o livro "Mulheres que Correm com os Lobos" (ESTÉS, 1994). Desde então, tenho constatado que esse livro tem sido alvo de comentários em diversos meios dos quais eu frequento e também nas diversas mídias. Além desse livro, nos últimos anos tenho percebido inúmeras divulgações de cursos, workshops, palestras nos diversos meios de comunicação - marketing digital, redes sociais etc.. - sobre uma temática que incita reflexões sobre o sentido de ser mulher. Dentre tantos, destacamos os temas "Feminino Sagrado", "Retorno do Feminino Sagrado", "Deusas" e é fácil perceber que esses assuntos têm sido divulgados com grande frequência como, por exemplo, na Palas Athena Associação sem fins lucrativos e Editora, na Livraria Millenium e também em publicações no Facebook e Instagram. Neste mesmo sentido, o mercado editorial, nos últimos anos, também tem efetuado lançamentos de livros que abordam esse tema.

Ademais desses temas, estão cada vez mais presentes divulgações que propõem refletir sobre o empoderamento das mulheres, as mulheres no mercado de trabalho, a multiplicidade de papéis da mulher atual, as mulheres em liderança nas empresas e mulheres na política. Além disso, as mulheres têm se organizado em sites, blogs e grupos em redes sociais voltados exclusivamente para o mundo feminino. É como se houvesse uma busca para desvendar quem é a nova mulher que surgiu após todas as transformações e inclusões de papéis ou talvez para resgatar o sentido ancestral de ser mulher.

À medida que observava as inúmeras divulgações voltadas ao público feminino, surgiu uma curiosidade sobre o quê as mulheres têm realmente buscado atualmente e também como isso interfere em suas escolhas conscientes. Por um lado, temos a busca de espaços das mulheres pela igualdade de direitos no mundo e, por outro lado, o interesse pelo resgate de temas femininos ancestrais. Pareceu-me contraditório: o olhar dirigido ao futuro e ao passado ao mesmo tempo. Talvez essa busca do "feminino sagrado" seja a maneira encontrada pelas mulheres para dialogar com suas angústias, dar voz a algo ainda não revelado conscientemente e buscar compreender as expectativas e conflitos que afligem e traz insatisfação no bem viver.

É sabido que as primeiras manifestações feministas, mesmo que de forma isolada e pontual, foram iniciados séculos anteriores, sendo os movimentos mais consistentes ao longo

do Século XX, intensificando-se nos anos 60-70. Por mais que os papéis da mulher tenham se transformado nas últimas décadas, ainda são carregados vestígios de conservas socioculturais e históricas. Talvez, atualmente exista um momento de crise de identidade onde são questionados os caminhos a seguir e os papéis a serem desempenhados, a considerar a possibilidade de que se tem, atualmente, uma estrada sem grandes obstáculos para caminhar. Logo, diante desse vasto campo de alternativas, a mulher necessita estar consciente para efetuar suas escolhas apesar dos condicionamentos sociais e culturais.

Sou da geração de mulheres que não participou diretamente das lutas feministas dos anos sessenta, mas que cresceu no ambiente social e cultural em transformação dos papéis da mulher na sociedade. Nesse sentido, as gerações de mulheres que cresceram em anos posteriores aos avanços conquistados nas décadas anteriores, possuem a liberdade de escolha, a exceção de algumas regiões no mundo ou algum conserva cultural ainda existente em núcleos familiares. Atualmente, já é consolidada a presença mulher em diversos setores, no âmbito público ou privado, no exercício de cargos em empresas, no poder público ou ainda com autonomia para exercer qualquer profissão que desejar.

Mas acompanhado a isso, percebe-se também uma cobrança social, explícita ou dissimulada: ter uma carreira profissional sem deixar de lado os outros papéis atribuídos socialmente às mulheres relacionados a sua vida privada, ou seja, mãe e esposa. Já existe a percepção que "nem todas as mulheres querem carreira. Nem todas as mulheres querem filhos. Nem todas as mulheres querem as duas coisas. Eu jamais defenderia que todas nós devemos ter os mesmos objetivos" (SANDBERG, 2013).

A onda reflexões sobre o feminino, nos diversos meios, tem sido frequente e talvez seja uma busca das mulheres para compreender as transformações e integrar de forma equilibrada e harmônica seus múltiplos papéis. Mesmo porque a multiplicidade de papéis talvez não seja um dos motivos da atual necessidade. Moreno (1992) ressalta que "o número de papéis que o Criador do universo pode representar por si mesmo sem perder sua identidade interior, é infinitamente grande", lembrando que para Moreno, qualquer ser humano é o Criador. Nesse mesmo sentido, Sandberg (2013) comenta que a professora Rosalind Chait Barnett "fez um amplo levantamento de estudos sobre equilíbrio trabalho/vida e descobriu que as mulheres que desempenham múltiplos papéis na verdade mostram níveis mais baixos de ansiedade e níveis mais altos de bem-estar mental".

O tema deste trabalho é de interesse de todas as mulheres. E também para os homens que buscam compreender as transformações sociais dos papéis das mulheres para relacionarem-se de modo mais conscientes com esse novo contexto. Não se pretende adentrar na seara das discussões sobre igualdade de gênero, entretanto esta questão também permeia quando alguma análise concentra-se em um gênero em especial, como é o caso desta monografia. Então, um dos estímulos que move esta pesquisa é investigar como as escolhas desses múltiplos papéis têm sido feitas.

Como metodologia para desenvolvimento da pesquisa, o psicodrama demonstra ser adequada para a investigação ora proposta, pois o escopo deste é justamente a visão de que o indivíduo é concebido por meio de suas relações interpessoais e suas participações grupais.

Com a inspiração em uma das atividades das mulheres na ancestralidade, a fiação e a tecelagem, e ainda partindo do princípio que as mulheres fiam e tecem as teias da humanidade desde sempre, o uso da técnica da retramatização torna viável a estruturação de uma trama de histórias reais. Histórias essas fundamentais para construir o alicerce que dará sustentação ao objetivo proposto.

### **Descrição dos capítulos**

O capítulo dois desta monografia contém uma breve apresentação do psicodrama e de seu criador, Jacob Levy Moreno. Na sequência, apresenta a descrição das bases da teoria moreniana, explicando a socionomia e a teoria de papéis com as dimensões inerentes aos papéis do ser humano. Como propósito da pesquisa são as mulheres e seus papéis, o item seguinte oferece um breve histórico de como as mulheres eram percebidas nas sociedades ancestrais e as transformações ocorridas em seus papéis. Será explicado também sobre a construção da identidade da mulher diante da percepção histórica de papel secundário na vida social e familiar, que ainda pode estar impregnado de estereótipos do que é o seu papel na sociedade.

No capítulo três será apresentada a metodologia do Psicodrama, que estabelece o foco e o contexto da pesquisa, a população alvo e o local. A pesquisa qualitativa como possibilidade de investigação dos fenômenos sociais e ainda o sociodrama como método capaz de abordar com profundidade as relações grupais e as ideologias coletivas. De forma abrangente, serão apresentados os instrumentos e as etapas de uma sessão sociodramática,

bem como as explicações das técnicas básicas da metodologia. Será comentado sobre a técnica da retratização, como o propósito de coletar histórias vividas pelas mulheres e, a partir daí, tecer uma trama co-criada que representasse as ideologias do grupo. Será demonstrado o resultado por meio da descrição pormenorizada, o protocolo, que contém todas as etapas e técnicas utilizadas no encontro realizado com o grupo de mulheres.

O capítulo 4 contém as discussões e conclusões de todo o processo, onde realizaremos a articulação entre os conceitos teóricos apresentados nos itens anteriores e a questão norteadora proposta para investigação no grupo de mulheres, demonstrando os rumos que a pesquisa realizada conseguiu efetuar.

Finalizaremos com o capítulo 5 tecendo as considerações finais e outras reflexões acerca do tema, oferecendo sugestões para estudos futuros.

## **Objetivo Geral**

O objetivo deste trabalho é investigar as escolhas que as mulheres tem feito atualmente, a considerar as transformações e a multiplicidade dos seus papéis na sociedade.

A investigação deverá permear entre os papéis profissionais e familiares exercidos pela mulher contemporânea. Sabemos que há algumas décadas eram limitadas as chances da mulher escolher o que queria ser ou fazer na sua vida. A conquista da possibilidade de voto e as lutas feministas dos últimos anos rompeu paradigmas e viabilizou uma atuação social mais igualitária no mundo. Como consequência, a mulher tornou-se competitiva no mercado de trabalho e agregou novos papéis, os quais foram adicionados aos demais papéis já existentes. Atualmente, com atuação mais ativa na sociedade, percebe-se também uma exigência maior para equilibrar as suas escolhas diante da quantidade de demandas dos múltiplos papéis exercidos.

Toda sociedade é representada pelo indivíduo que possui um conjunto de papéis sociais e culturais, que determinam seu comportamento, suas características e suas vontades. O papel é uma função que indivíduo assume em determinado momento em relação a outro constituindo interações sociais. Então, o papel como uma personagem ou função assumida na realidade social é uma consolidação das situações em que o indivíduo viveu.

Nesse sentido, o papel da mulher poderia ser consequência ou estar condicionado a uma herança cultural de cada grupo social. A mulher, ao conquistar novos espaços que antes eram dominados por homens, anseia demonstrar capacidade e força. Ademais, existe uma expectativa que a mulher mantenha também seus papéis tradicionais. Mas nem sempre e nem todas as mulheres desejam exercer todos os papéis que a sociedade espera.

Portanto, a questão a ser analisada na pesquisa, por meio da intervenção grupal em um grupo de mulheres, será investigar as escolhas que as mulheres têm feito, diante dos múltiplos papéis inerentes ao trabalho e a vida familiar.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 - Psicodrama

#### 2.1.1 O que é psicodrama – Jacob Levy Moreno

O Psicodrama, criado por Jacob Levy Moreno, propõe o estudo das condutas humanas (papéis), e suas relações interpessoais e as dinâmicas grupais. Moreno é de origem judaica sefardita<sup>1</sup>, nasceu na Romênia e mudou-se com a família, aos 5 anos, para Viena onde estudou medicina e filosofia. Foi influenciado pela crença judaico-cristã, que serviu de inspiração para considerar, também, a dimensão cósmica do ser humano.

Moreno (2014) define o homem como um ser social, em relação. Favorece “não só o encontrar-se com partes de si mesmo, mas com outras pessoas que compartilham de seus conflitos”. Dessa forma, interessado nas dinâmicas dos grupos, Fonseca (2008) destaca que Moreno "maneja técnicas grupais que posteriormente dariam origem à psicoterapia de grupo, à sociometria e ao psicodrama". Após desenvolver alguns trabalhos em Viena, inicia o "teatro da espontaneidade" que serviu como laboratório de transformação do teatro tradicional, sem texto nem atores previamente escolhidos; o roteiro era desenvolvido no aqui e agora. Assim, "o teatro da espontaneidade se transforma no teatro terapêutico, e este no psicodrama", conforme ressalta Fonseca (2008).

Posteriormente, Moreno migra para os EUA e faz demonstrações do Psicodrama. Inicia o desenvolvimento das bases da teoria psicodramática e também da sociometria; realiza diversos estudos em uma penitenciária de Sing Sing em uma escola de Hudson para moças, sempre interessado no trabalho das dinâmicas grupais. No conceito de Fox (2002), "O psicodrama pode ser definido como a ciência que busca a "verdade", por meio de métodos dramáticos, trabalhando com relações interpessoais e mundos privados".

Moreno afirma que na vida tudo é existencial no "aqui e agora" e que o indivíduo deve ser percebido em ação no momento presente, não como o passado histórico, mas o passado fazendo parte do presente. Assim, propõe o psicodrama para introduzir métodos que possam trazer a problemática humana mais próxima da vida real. Trocar a participação passiva do ser

---

<sup>1</sup> **Sefarditas** (em hebraico ספרדים, *sefardi*; no plural, *sefardim*) é o termo usado para referir aos descendentes de judeus originários de Portugal e Espanha. A palavra tem origem na denominação hebraica para designar a península Ibérica (*Sefarad*, ספרד). Fonte: Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sefardita> - acesso em 21/05/2017.

para uma atuação ativa, em direção ao ser, à existência e ao encontro, além do diálogo; voltando-se ao exercício e ao jogo de papéis.

Fox (2002) acrescenta que “a teoria psicodramática é mais inclusiva, levando o conceito a todas as dimensões da vida; ele começa como o nascimento e continua por toda a existência do indivíduo e do *socius*” e descreve que “o objetivo do psicodrama era, desde o início, construir um espaço terapêutico que utilizasse a vida como modelo e integrar nele todas as modalidades de vida”. Assim, agrega todas as modalidades de vida, tanto no aspecto macro – tempo, espaço, realidade e cosmos – como no senso estrito detendo-se nos detalhes e nuances individuais. O termo psicodrama é também uma metodologia de diagnóstico e tratamento de grupos de pessoas.

O psicodrama indica como base do estudo das condutas humanas, as disciplinas que foram denominadas por ele de socionomia e teoria de papéis. Ao iniciar a teoria psicodramática, Moreno desenvolve primeiro a sociometria para analisar, compreender e diagnosticar as estruturas grupais da sociedade.

### **2.1.2 Socionomia: Sociodinâmica, Sociometria e Sociatria**

A Ciência da Socionomia foi desenvolvida por Moreno, que a conceitua como “a ciência das leis sociais” para percepção da conexão entre o coletivo e o individual, estudado por meio de suas relações interpessoais. A socionomia é importante para análise e compreensão do ser humano que está inserido nas estruturas grupais, em constante relação com indivíduos e grupos. Os relacionamentos humanos se dão por meio dos papéis a eles vinculados.

Brito (2006) acrescenta que "a socionomia pode dialogar com outras teorias na busca de um conhecimento científico simultaneamente rigoroso e flexível, que promova mudanças e não apenas explicação dos fenômenos humanos".

A socionomia apresenta três subdivisões interligadas, sendo:

(i) a Sociodinâmica, que é definida como a ciência da estrutura dos grupos sociais, isolados ou unidos e que utiliza a interpretação de papéis. Por intermédio da ação, utilização dos jogos dramáticos ou do *role-playing* é possível compreender a estrutura dos grupos e dos indivíduos;

(ii) a Sociometria como a ciência da medida do relacionamento humano. Segundo Moreno (1974), a sociometria tornou possível a compreensão científica do diagnóstico das estruturas de um grupo. O *socius* recebe aqui uma importância maior que o *metrum*. Utiliza métodos sociométricos, principalmente o Teste Sociométrico e o Teste Sociométrico de Percepção para conhecer o grupo e medir as preferências e contradições intra-grupais; A sociometria possibilita compreender o grupo e fazer as escolhas corretas de condução e tratamento desse grupo. As escolhas conscientes e inconscientes, as relações de poder e dominados, as interações sociais.

(iii) a Sociatria como a ciência do tratamento dos sistemas sociais. Segundo Moreno (1994) “Sociatria é, logicamente, a cura da sociedade normal do *socius*. O Termo deriva da raiz latina e grega; de um lado está *socius*, “o outro companheiro”, de outro, *iatreia*, cura. Blatner e Blatner (1996) registram que a sociatria é o método de terapia social. Nery (2014) ensina que “a sociatria possui vários métodos de ação terapêutica”, sendo que dentre métodos citados, estão o psicodrama, sociodrama, e a dinâmica de grupo.

Moreno (1974) iniciou pela sociometria, visando pesquisar o desenvolvimento e organização dos grupos e da situação dos indivíduos dentro dos grupos com objetivo de “determinar o número e a extensão das correntes psicossociais e como se desenrolam na população”. Fonseca (2002) define sociometria como "estudo das relações inter-humanas, utilizando questionários cujos resultados se expressam mediante sociogramas", que "por meio dos sociogramas tem-se uma visão imediata de como estão os grupos, divididos nos seus sentimentos positivos e negativos, polos de atração, rechaço e indiferença ou neutralidade". A sociometria dá sustentação teórica na psicoterapia de grupo, no psicodrama e no sociodrama.

### **2.1.3 Teoria de Papéis**

O papel tem a inspiração no teatro. Segundo Moreno é o modo que o indivíduo toma em um determinado momento para reagir a uma determinada situação. Papel contém uma carga cultural que o indivíduo carrega em si. Essa teoria não está limitada a uma única dimensão. O conceito de papéis está presente em todas as dimensões do indivíduo e seu ambiente, sendo que a pesquisa no âmbito social tem o escopo de focar o indivíduo em suas relações sociais.

Moreno (2014) afirma que papéis e relações entre papéis constituem o desenvolvimento mais significativo dentro de qualquer cultura específica. “Trabalhar com o “papel” como ponto de referência parece ser uma vantagem metodológica, em comparação com a “personalidade” ou o “ego”. Estes são menos concretos e estão envoltos em mistério metapsicológico”, sendo que “o papel é uma cristalização final de todas as situações numa área especial de operações por que o indivíduo passou” .

Portanto, o papel pode ser definido como o modo de atuar que o indivíduo adota em uma determinada situação específica, onde pessoas ou objetos estão envolvidos (MORENO, 2014). Fox (2002) diz que “o papel pode ser definido como as formas tangíveis e concretas assumidas pelo eu” e que “todo papel é uma fusão de elementos coletivos e privados. Todo papel tem dois lados, um privado e um coletivo”, concluindo:

Assim, podemos entendê-lo como as formas funcionais que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, em que outras pessoas ou objetos estão envolvidos. [...] a forma é criada pelas experiências passadas e pelos padrões culturais da sociedade em que o indivíduo vive e pode ser completada pelo caráter específico de sua produtividade. (Fox, 2002, p. 113).

Conforme descreve Williams (1994), “o papel é uma forma funcional, um modo de ser; são desempenhados em um momento específico e surgem em reação a uma situação específica, isto é, os papéis são determinados pelo contexto. Assim sendo, "o contexto e o momento são altamente significativos ao se determinar qual deveria ser o papel apropriado." Por exemplo, uma mulher com alto cargo no mercado de trabalho é também uma filha amorosa e uma mãe dedicada.

O papel está presente no indivíduo em todas as dimensões do sujeito, desde o nascimento. Deste modo, Fox (2002) salienta que “todo indivíduo caracteriza-se por determinado conjunto de papéis que domina seu comportamento e que toda cultura é caracterizada por determinados conjuntos de papéis que ela impõe, com um grau variado de sucesso, aos seus membros”.

Moreno (2014) ressalta que os papéis não estão isolados e tendem a constituir conglomerados que se denomina efeito de cacho. Nesse sentido, todo indivíduo desempenha um conjunto de papéis sociais que interagem entre si, em todas as suas dimensões de vida.

Diante da importância da interação do indivíduo com o meio, temos que “[...] o homem é um jogador de papéis, que todo indivíduo caracteriza-se por determinada série de

papéis que domina seu comportamento e que cada cultura caracteriza-se por determinado conjunto de papéis que ela impõe a seus membros, com variados graus de sucesso". (FOX, 2002)

E ainda que

a construção da identidade de um indivíduo se faz através de uma rede sociométrica (matriz de identidade) que transmite suas expectativas em relação à possibilidade e caracterização de papéis a serem desenvolvidos. Valores e condições são constantemente preestabelecidos como critério para que cada um possa fazer parte de uma coletividade. Esses condicionantes sociométricos representarão parâmetro determinante no desenvolvimento e expressão das potencialidades relacionais e criativas. (FALIVENE, 1995, p. 46).

Por conseguinte, o papel é a base do ser no mundo. Fonseca (2008) ressalta que "Moreno afirma que o ser humano sofre fundamentalmente por não poder realizar todos os papéis que leva em si." É a forma exterior de como alguém se relaciona com seus pares, seus grupos e a sociedade em geral, em situações específicas. É a forma exterior de como funcionamos enquanto ser social e como o representamos em nosso contexto.

#### **2.1.4 Conserva Cultural, Espontaneidade e Criatividade**

O termo "conserva cultural" é usada por Moreno (2014) para definir a cristalização de uma ação criadora, e "propõe-se ser o produto acabado e, como tal, adquiriu uma qualidade quase sagrada", em que "essas ideias de perfeição eram associadas com a própria ideia de Deus" e "assim, a conserva cultural é uma categoria tranquilizadora", e serviram para dois fins: "eram prestimosas em situações ameaçadoras e asseguravam a continuidade de uma herança cultural". Ou seja, o alicerce que assegura a sobrevivência de uma cultura.

Fox (2002) acrescenta que "quanto mais se deu atenção ao seu acabamento e aperfeiçoamento, mais raramente as pessoas foram sentindo necessidade da inspiração momentânea" e "quando as conservas culturais alcançaram um tal ponto de desenvolvimento e massificação que se tornaram um desafio e uma ameaça à sensibilidade dos padrões criativos do homem".

Menegazzo e outros (1995) comentam que "As normas estáticas de conduta, embora não cheguem a se concretizar em um produto, podem ser consideradas conservas culturais,

que podem ser modificadas na evolução individual". E acrescenta que "um papel é uma conserva cultural, até o momento em que um indivíduo dele se apropria e o desenvolve segundo seu processo espontâneo-criador particular". Fox (2002) questiona: "será que é por causa da falibilidade da natureza humana que a matriz criativa espontânea tem que sempre desembocar numa conserva cultural?".

Moreno (1992) propõe substituir "um sistema gasto e antiquado de valores" por "um novo sistema de valores melhor ajustado às emergências de nosso tempo: o complexo de espontaneidade-criatividade". Então, dentre os desejos humanos está o desejo de mudança transformadora, de desenvolvimento e de ascensão. A conserva manifesta-se na estagnação da possibilidade criadora. O fato é que quanto mais se busca segurança em modelos pré-determinados, mais raramente as pessoas buscam inspirações para novas possibilidades ou novas respostas. Como consequência, há um declínio ou não há manifestação de espontaneidade e criatividade.

Os conceitos de espontaneidade e criatividade devem ser comentados juntos, pois conforme Moreno (2008), "a criatividade sem a espontaneidade torna-se desvitalizada". Segundo Moreno (2014), "A primeira característica do ato criador é a espontaneidade". E a espontaneidade opera no presente, agora e aqui. Nesse sentido, não há como compreender a criatividade e espontaneidade sem analisar adequadamente o conceito de momento. Moreno (1994) enfatiza que "a falta de um conceito adequado de *momento* tem prejudicado as tentativas para formar uma teoria da criatividade e da espontaneidade".

A criatividade é a capacidade de criar coisas novas, inventar novos conceitos, ideias originais. Então, Moreno explica que

A minha definição operacional da espontaneidade é frequentemente citada da seguinte maneira: O protagonista é desafiado a responder, com certo grau de adequação, a uma nova situação ou, com uma certa medida de novidade, a uma antiga situação. [...] A fim de mobilizá-las e dar-lhes forma, necessitam de um transformador e catalisador, uma espécie de inteligência que opera aqui e agora, *hic et nunc*, a "espontaneidade". (MORENO, 2014, p.36-37).

Moreno (2014) diz que "o problema é que não se pode armazenar a espontaneidade - ou a pessoa é espontânea, num dado momento, ou não é". E acrescenta que se deve "produzir espontaneidade" até aprender a treiná-la. E reflete que "o destino de uma cultura é traçado pela criatividade". Logo, não basta ser espontâneo e criativo, mas sê-lo no momento

adequado e requer prática para seu desenvolvimento, pois conforme Williams (1994) explica "Quanto mais estivermos em contato com nossa espontaneidade, mais nossa verdade se tornará manifesta" e defende que "No trabalho psicodramático, alterar a percepção do problema possibilita o surgimento da espontaneidade".

Menegazzo e outros (1995) esclarecem que "a produção da criatividade psicodramática tende, especificamente, a plasmar no indivíduo novos modos de ser, de desempenhar papéis e de se vincular" de modo a "permitir a cada ser humano um enriquecimento contínuo dele mesmo e de suas relações".

## **2.2 As mulheres e seus papéis**

### **2.2.1 A mulher na história do mundo.**

Ao longo da história da humanidade percebemos diversos indicadores sobre o quão enigmáticas seriam as mulheres para as antigas civilizações. Quando não havia explicações científicas, talvez fosse considerado sobrenatural o fato de uma mulher gerar uma vida, dar a luz. Seria um dom divino? Seriam Deusas? Bruxas?

Os primeiros textos escritos nos permitem vislumbrar que a mulher na antiguidade pudesse ser tão perturbadora ao ponto de tentar controlá-la por meio de regras de conduta. Cabe esclarecer que os dados históricos não serão apresentados com a exatidão cronológica, pois as vicissitudes da história tanto das sociedades como da mulher não são lineares e não avançaram de modo contínuo.

No pensamento grego antigo, Hesíodo (Teogonia, 2014, p. 133-135), descreve que a mulher é criada por Zeus como uma coisa complexa, "ao invés do fogo um mal aos homens", e "o mal ao invés de um bem" e como consequência "o espanto reteve Deuses imortais e homens mortais", e "dela descende a geração das femininas mulheres". E acrescente que "dela é a funesta geração e grei das mulheres", pior ainda: "as mulheres, parelhas de obras ásperas, e em vez de um bem deu oposto mal".

As mulheres na Grécia antiga possuíam como atividades principais a fiação e a tecelagem. Lessa (2004) narra que as mulheres de Atenas "viviam em silêncio no interior de sua casa, administrando seus bens, educando os filhos", mas defende que a sociedade ateniense no período clássico possuía grupos de esposas que criavam espaços "para

participação e de fala, organizaram espaços específicos de validação social, constituíram redes sociais informais" com suas amigas.

Já no primeiro Código Legal escrito que se tem notícia, o Código de Hamurabi da Babilônia que era um conjunto de leis criadas por volta do século XVIII a.C., contém vários artigos que preceituam a organização social com relação às mulheres, aos dotes no casamento, adultério, violência, filhos e comportamentos familiares em geral. Há uma intenção de proteção ao casamento e ao patrimônio da família e a fragilidade da mulher perante o homem, como exemplo:

Se uma irmã de um deus (sacerdotisa) abrir uma taverna ou entrar numa taberna para beber, então esta mulher deverá ser condenada à morte. [...] Se um homem tomar uma mulher como esposa, mas não tiver relações com ela, essa mulher não será esposa dele. Se um homem acusar a esposa de outrem, mas ela não for surpreendida com outro homem, ela deve fazer um juramento e então voltar para casa. (ANGELFIRE)

O Código de Manu (PINHEIRO, 2004), do direito da Índia na antiguidade, descreve no artigo 415 que “Uma mulher está sob a guarda do seu pai durante a infância, sob a guarda do marido durante a juventude, sob a guarda de seus filhos em sua velhice; ela não deve jamais conduzir-se à sua vontade”, e também Bueno (2016) indica ainda no Código de Manu que "dia e noite, as mulheres devem ser mantidas num estado de dependência por seus protetores; e mesmo quando elas têm demasiada inclinação por prazeres inocentes e legítimos, devem ser submetidas por aqueles de quem dependem à sua autoridade." E também "deve-se sobretudo cuidar e garantir às mulheres das más inclinações, mesmo as mais fracas; se as mulheres não fossem vigiadas, elas fariam a desgraça de suas famílias.”

Barros (2001) relata que o Velho Testamento apresenta dois momentos que explicam a origem da mulher. O primeiro descreve a criação simultânea da mulher e do homem, em situação de igualdade: "E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou" (Gn 1:27). O segundo já mostra uma hierarquia entre o masculino (Adão), que é criado primeiro e a mulher é criada posteriormente para ser companheira e ajudar ao homem, pois este se sentia sozinho.

Nessa parte da Bíblia, o Gênesis, menciona que a mulher, tentada pela serpente, desobedece a determinação e come o fruto proibido. Ao não se submeter a um determinado comportamento prescrito é castigada por um Deus furioso que determina: "Multiplicarei

grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (Gênesis 3:16). Bueno (2016) conta que na Idade Média, Agostinho comentou que a serpente ofereceu a maçã primeiro à mulher (Eva) por ser "a parte mais fraca da aliança humana, já que sabia que o homem não lhe daria ouvidos tão facilmente". Tomás de Aquino, ao se referir à natureza da mulher, diz que é "defeituosa e mal nascida", pois "o poder da semente masculina tende à produção de ser perfeito", mas "a produção de uma mulher vem de uma falta de potência ativa, de algum mal estar ou mesmo de uma influência externa".

Nada obstante, há registros de redenção à mulher, como no Novo Testamento, Jesus tem um comportamento espantoso para a época em relação às mulheres, tratando-as com igualdade, mesmo diante daquelas excluídas da sociedade:

Em Lucas 10:30-42, vemos que Jesus acolhia abertamente as mulheres em seu grupo de companheiros - chegando a encorajá-las a transcender seus papéis servis e participar ativamente da vida pública. Ele enaltece a ativista Maria diante de sua irmã mais doméstica, Marta. Em todos os evangelhos oficiais lemos sobre Maria Madalena e como ele a tratava essa suposta prostituta com respeito e atenção (EISLER, 2007, pág. 184).

É importante ressaltar a profecia de que Maria teria um filho de Deus: "Bendita é tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre - Lc 1:42".

Barros (2001) provoca: "Eva ou Maria? A qual curvar-se? Como servir a duas senhoras ao mesmo tempo?". São duas mulheres completamente diferentes e talvez complementares. Talvez Eva pudesse ter sido denominada uma feiticeira caso tivesse existido na Idade Média. Aliás, Michelet, 1798-1874 (2003) defende que a feiticeira seria a religião original da Europa e informa que "O único médico do povo, durante mil anos, foi a Feiticeira" e acrescenta: "pode-se dizer da maioria das pessoas, só consultava a *Parteira* ou *Saga*. Se ela não curasse, injuriavam-na, chamavam-lhe de bruxa".

A partir do Século XIV surge o pensamento que dá ênfase ao indivíduo como pessoa única e especial. Com isso, possibilitou às mulheres uma pequena brecha para encontrar seu próprio caminho, de iniciar o reconhecimento seu próprio papel, conforme Campbell (2015) esclarece, "todas as mulheres têm a oportunidade de encontrar seu próprio caminho, de assumir seu próprio papel - não apenas como Mulher, mas como *esta* mulher, *esta* personalidade". Beauvoir (2016) diz que "o estatuto da mulher permanecerá mais ou menos idêntico do princípio do século XV ao século XIX", mas "nas classes privilegiadas sua

condição concreta evolui". E acrescenta que "o Renascimento italiano é uma época de individualismo que se mostra propício ao desabrochar de todas as fortes personalidades, sem distinção de sexo".

E nessa evolução do pensamento, Inglehart e Welzel (2009) destacam que

Nas sociedades pós-industriais, a mulher não aceita mais suas limitações tradicionais de papéis, e o aumento do poder feminino ganhou força de destaque na agenda política. A igualdade de gênero se tornou um elemento central da definição de desenvolvimento humano, uma vez que constitui um aspecto essencial da qualidade humana, como as liberdades civis e políticas dos direitos humanos. Jamais na história da civilização a mulher desfrutou de tanta igualdade de tanta liberdade para escolher sua educação, sua carreira, seus parceiros e seu estilo de vida, como nas sociedades contemporâneas, pós industriais. Essa mudança é recente. (INGLEHART E WELZEL, 2009, p. 322).

Se atualmente das mulheres estão cada vez mais presentes nos diversos setores da sociedade, seja no âmbito empresarial, político, jurídico e social, é porque algumas mulheres romperam as barreiras sociais e conseguiram destaques em épocas anteriores. Revolucionaram padrões estabelecidos pelas regras da sociedade à época e abriram caminhos para as futuras gerações.

Dentre várias mulheres que foram pioneiras, destacamos a inglesa Mary Wollstonecraft que, no final do século XVIII, exigia justiça para as mulheres excluídas da função de cidadãs. Lançou a obra intitulada "Reivindicação dos Direitos da Mulher", e é considerada precursora dos movimentos feministas. Mary sustentava que a dependência econômica e a impossibilidade de acesso à educação transformavam as mulheres em seres infantis e resignados: "Para que fomos criadas? Para permanecermos, pode-se dizer, inocentes; eles querem dizer, em estado de infância". E ainda

É hora de efetuar uma revolução nos modos das mulheres - hora de devolver-lhes a dignidade perdida - e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar reformando a si mesmas para reformar o mundo. É hora de separar a moral imutável dos modos locais. Se os homens são semideuses, por que nos deixam servi-los? E, se a dignidade da alma feminina é tão discutível quanto a dos animais - se a sua razão não possui luz suficiente para dirigir sua conduta, enquanto o instinto infalível lhe é negado-, as mulheres são seguramente as mais miseráveis de todas as criaturas! (WOLLSTONECRAFT, 2016,p. 69).

O século XIX é mais intenso e os direitos da mulher já alcançam novas expressões. Entretanto, havia uma exploração maior da mulher trabalhadora, aquelas de classes mais pobres que necessitavam do trabalho. O trabalho representa a possibilidade de conquistar sua

dignidade. Mas também "um dos problemas essenciais que se colocam a respeito da mulher é, já o vimos, a conciliação de seu papel de reprodutora e com seu trabalho produtor" (BEAUVOIR, 2016). Com isso, inicia um período mais fértil no final do século XIX e início do século XX, quando uma geração de mulheres revoluciona. Contudo surge um dilema: a conciliação de seu papel na vida pública e na vida familiar.

Movimentos sufragistas ao redor do mundo possibilita alcançar o direito ao voto; a Nova Zelândia foi o primeiro país a permitir a participação da mulher no processo eleitoral. No Brasil, na década de 30, embora ainda não existisse o preceito constitucional de igualdade entre homens e mulheres, já era admitido às mulheres o direito ao voto. Somente na Constituição Federal de 1988 que se alcança a igualdade expressa de direitos e deveres entre homens e mulheres: ambos são considerados cidadãos.

A grande revolução não está nas leis escritas, mas nas manifestações sociais que aconteceram nos anos 60-70, quando os movimentos feministas – iniciados nos movimentos sufragistas - acrescentaram maior liberdade com relação as suas escolhas individuais. Beauvoir (2016) relata que "O fato é que os homens começam a se conformar com a nova condição da mulher; esta, não se sentindo condenada *a priori*, acha-se mais à vontade: hoje a mulher que trabalha não negligencia por isso sua feminilidade e não perde sua atração sexual".

Beauvoir (2016) comenta que o filósofo Kierkegaard, em Etapas no Caminho da Vida dissera que o Ser Mulher: "é algo tão estranho, tão complexo, tão complicado que nenhum predicado consegue exprimi-lo e que os múltiplos predicados que desejaríamos empregar se contradiriam (sic) de tal modo que só uma mulher o pode suportar". Beauvoir comenta essa frase dizendo que a mulher é apresentada dessa forma pelo fato de não ser considerada de forma positiva, mas como algo negativo. Ela é um outro, o mal.

No Brasil, o registro histórico revela que é recente o aparecimento de mulheres pioneiras que se destacaram ou ousaram pensar ou realizar seus feitos: Cora Coralina (WIKIPÉDIA), escrevia desde os 14 anos, mas somente conseguiu publicar seu primeiro livro aos 76 anos, no ano de 1965. Mas percebe-se que ela ainda possui uma visão de que o papel da mulher é limitado, como, por exemplo, nos versos abaixo, denominado "Assim vejo a vida" (RELEITURAS):

A vida tem duas faces: Positiva e negativa  
 O passado foi duro, mas deixou o seu legado  
 Saber viver é a grande sabedoria

Que eu possa dignificar minha condição de mulher,  
 Aceitar suas limitações e me fazer pedra de segurança  
 dos valores que vão desmoronando.  
 Nasci em tempos rudes, aceitei contradições  
 lutas e pedras, como lições de vida e delas me sirvo  
 Aprendi a viver. (Cora Coralina)

Aqui está perceptível a concepção de papel secundário da mulher, embora pareça mais uma reflexão das limitações inerentes ao seu contexto do que aceitação dessa posição. A vida da mulher era restrita aos espaços privados.

Nísia Floresta (1810-1885) foi uma das primeiras mulheres no Brasil a ousar e publicar textos em jornais – poesias, contos e ensaios. Desde 1830 já estava presente na imprensa nacional, sempre comentando questões polêmicas da época. Duarte (2010) relata que

Em 1832, por exemplo, ao escrever *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, foi dado o primeiro passo nessa trajetória, ou plantada a primeira semente que germinaria em diversos outros escritos. Nesse livro – que chamou de tradução livre de *Vindications of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft, ela trata dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho, e exige que as mulheres sejam consideradas inteligentes e merecedoras de respeito pela sociedade (DUARTE, 2010, p. 13).

Nise da Silveira (Psicologia, 2002) foi uma alagoana, médica psiquiatra, formada em 1926 e era única mulher em sua turma, dentre 157 formandos. Foi destaque ao resgatar a dimensão humana nos pacientes psiquiátricos, os denominados (loucos). Era veementemente contrária aos tratamentos psiquiátricos tradicionais - choques elétricos- e foi pioneira na utilização da terapia ocupacional aos internos do hospital, que segundo ela, era apropriada para reabilitação dos psicóticos. Criou um ateliê de pintura com obras de arte produzida pelos pacientes, denominando “imagens do inconsciente” É considerada uma das maiores representantes da Psicologia Junguiana no Brasil (CÂMARA, 2002).

Muitas mulheres foram pioneiras e promoveram mudanças na forma de exercer um papel ou assumindo novos na sociedade brasileira, transformando diversas áreas com suas atuações. Conforme lembra Sampaio (2014), "todo território conquistado, por mais ousado e revolucionário que tenha sido o ato de fincar ali uma bandeira, requer que venham outras pessoas para manter o caminho aberto". E assim, atualmente o caminho está aberto.

### 2.2.2 A construção do papel da mulher

Os aspectos históricos são importantes para perceber as influências ancestrais na construção das funções humanas em uma sociedade. Conforme evidenciado no item anterior, a mulher era vista como um ser coadjuvante, um papel secundário ou era detentora de potencial agente causador de danos. A partir das conservas culturais, foram definidos parâmetros para constituição do sujeito "mulher" e intrínseco a isso, definida a sua posição e função na sociedade.

Sua identidade foi construída pela visão do outro, o masculino. Em vista disso, o atual papel da mulher pode conter elementos de identificação distorcidos, para atender as expectativas sociais de uma visão dominante, ou seja, no desempenho de seus papéis, as mulheres carregam ainda um conteúdo interno que mantém a conserva e os estereótipos de seus papéis ancestrais, mesmo diante das transformações sociais ocorridas nas últimas décadas.

Moreno (1974) defende que em civilizações primitivas e também em civilizações desenvolvidas são demonstrados uma sabedoria ancestral que atribui forças ao grupo de um papel decisivo na estruturação da vida social. Os rituais primitivos, as danças e preparações para guerra em tribos indígenas evidenciam as forças atuantes do grupo. Mais que evidenciar forças dentro de um grupo, a participação social grupal permite ao indivíduo a sensação de pertencimento; para pertencer é necessário identificar-se.

A história nos mostra que a mulher foi concebida como um ser subsidiário e talvez, ainda hoje se identifique dessa forma. Portanto, se o desejo de todo indivíduo é ser reconhecido como membro participativo de um grupo social, participando das decisões em igualdade de condições, a mulher já estaria em prejuízo para esse quesito.

Menegazzo (1994) salienta que "o ser humano adulto possui um desenvolvimento de identidade adequadamente constituído, e é isso que lhe permite situar-se em seu mundo de uma maneira resolvida" e assim "a liberdade humana é fonte de espontaneidade, e, através desta, existir poderá ocorrer de uma forma criativa". Entretanto, pode ser que no caso dos estereótipos definidores do indivíduo, "não pode exercer a liberdade quando está fixado de um modo de ser não resolvido", pois se constitui de uma visão de ser humano em segundo plano.

De maneira geral, a identidade da mulher é originada na família, pois ali se constroem as primeiras relações e condicionam os comportamentos primários. É importante refletir que cada família tem seus próprios valores (culturais e sociais) que influenciam no exercício dos papéis e contra papéis. A famosa frase de Beauvoir (2016) “Não se nasce mulher: torna-se”, nos explica que o sentido de “ser mulher” é uma construção cultural. Provocou uma reflexão no sentido de que as diferenças entre o masculino e feminino seriam uma construção histórica e cultural.

Então, nesse sentido é possível inferir que o significado de “ser mulher” é construído em torno de valores sociais e se torna um produto do meio fundamentado nas práticas culturais de cada sociedade, criado pelos estereótipos e as conservas culturais. O meio condiciona o sentido de ser mulher, ou seja, espelha os matizes da sociedade com suas características e modo de ser. Faz com que a identidade da mulher reflita as crenças, valores e costumes de cada época e local.

Os papéis e comportamentos mais adequados para homens e mulheres são determinados pelas convenções sociais. Na explicação de Beauvoir (2016), “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro”.

A literatura tem tentado compreender e explicar as transformações sociais que refletem no exercício de papéis das mulheres. O controle da fertilidade, segundo Badinter (2011) aduz fenômenos transformadores em países desenvolvidos: "declínio da fertilidade, elevação da idade média da maternidade, aumento das mulheres no mercado de trabalho e diversificação do modo de vida feminino". E acrescenta que "para a maioria das mulheres, a conciliação entre os deveres maternos, que não param de aumentar, e o próprio desenvolvimento pessoal continua problemática".

Até recentemente, os universos masculino e feminino eram estritamente diferenciados. A complementaridade dos papéis e das funções alimentava o sentimento de identidade específica de cada sexo. Na medida em que homens e mulheres podem assumir as mesmas funções e exercer os mesmos papéis - nas esferas públicas e privadas - o que resta de suas diferenças essenciais? (BADINTER, 2011, pág.11-12).

Os conflitos humanos geram ambiguidades e complexidades. O conflito entre os papéis gera uma oposição entre duas atuações distintas que a mesma pessoa desempenha. Ademais, há o conflito que surge quando no desempenho de papel, da forma que o ser individual compreende e da forma como quer ser vista perante a sociedade. Contradições entre o que realmente é desejado intimamente e o que é feito para ser aceita socialmente.

E nessa mistura de concepções, a mulher atual carrega em si todas as influências agregadas através dos tempos. Badinter (2011) questiona se o amor materno seria um instinto, uma tendência feminina inata, ou depende, em grande parte, de um comportamento social, variável de acordo com as épocas e costumes.

Pois na explicação de Batista (2012) sobre os papéis, estes

Representam estereótipos ou conservas culturais, transmitidas às gerações e mantidas pelas próprias pressões e expectativas sociais. Como conservas, também tendem à rigidez e ao automatismo, não possuindo a flexibilidade de conduta exigida em cada nova situação. Por isso precisam ser re-atualizados pela espontaneidade e pela criatividade para se adequarem a novas situações.

Nesse sentido, haveria uma cristalização do significado de ser mulher que pode condicionar comportamentos e atitudes, comprometendo o exercício pleno dos novos papéis da mulher na atualidade. É claro que depende do contexto social e também das percepções com relação ao outro e da aceitação própria para readequação dessas novas situações.

### **2.2.3 Os múltiplos papéis da mulher e suas escolhas**

As lutas feministas, sobremaneira as ocorridas nas últimas décadas, contribuíram para exteriorizar uma reflexão mais acentuada sobre os papéis das mulheres. Mais que isso, possibilitou uma ampliação nas possibilidades de papéis na sociedade. Nesse sentido, Rocha-Coutinho explica que

Sem dúvida, como consequência do questionamento da limitação da mulher aos papéis de esposa, mãe e educadora, e com a entrada da mulher, especificamente a da classe média, no mercado de trabalho – uma vez que a mulher das classes populares quase sempre trabalhou para garantir a sua sobrevivência e a sobrevivência da família -, a identidade feminina teve que ser alterada, não sem grandes dificuldades, para incluir este novo papel: o de trabalhadora e pessoa com uma carreira profissional (ROCHA-COUTINHO, 2000).

Sobre a realização profissional, Sandberg (2013) assegura que "quando uma mulher age de maneira energética ou competitiva, está se desviando do comportamento esperado" e afirma que "o sucesso e a simpatia mantêm correlação positiva para os homens e negativa para as mulheres".

Pode ser conflituoso e antagônico os desejos da mulher. Parece uma obrigatoriedade a realização pessoal e, de preferência em todos os papéis. Muitas comentam da cobrança social para casarem-se, tornarem-se mãe e ainda realizarem-se profissionalmente. Só que desejos da própria mulher competem entre si: a melhoria da vida financeira, a realização profissional, a realização amorosa e a maternidade.

Não é possível, às vezes, fazer tudo ao mesmo tempo e agora. Alguma coisa é deixada de lado ou adiada: A maternidade tardia ou não maternidade por opção. O conflito surge da questão: qual deve ser a prioridade? Sandberg (2013) comenta que "se tivesse de escolher uma definição de sucesso, seria a de que o sucesso é fazer as melhores escolhas que pudermos... e aceitá-las".

Refletir sobre a mulher no mercado de trabalho e seu desejo de empoderamento não podem ser isolados de seus outros papéis. Pois, além de uma atividade no campo profissional, os demais papéis foram acumulados e/ou substituídos. Como poderia a mulher, diante de sua construção ideológica e cultural, ter escolhas sem nenhuma influência? Eisler (2007) afirma que "ao contrário dos homens, que são em geral socializados para perseguir seus próprios fins, mesmo à custa dos outros, as mulheres são socializadas para considerarem-se como responsáveis primárias pelo bem-estar dos outros, mesmo à custa de seu próprio bem-estar". Robles (2013) registra que as mulheres "continuam a expressar sem grande alarde sua aptidão para preservar a vida como uma figura divinizada, a menos que se deixem empolgar por perversões que as desviam de seus compromissos".

Sandberg (2013) menciona estudo feito pela professora Rosalind Chai Barnett sobre equilíbrio de trabalho e vida e "descobriu que as mulheres que desempenham múltiplos papéis na verdade mostram níveis mais baixos de ansiedade e níveis mais altos de bem-estar mental". Nesse mesmo sentido, Possati e Dias (2001) apresentam um estudo feito com mulheres que desempenham múltiplos papéis e seus efeitos, a considerar o ingresso da mulher no mercado de trabalho quando assumiu mais um papel na sociedade em posições que antes eram ocupadas por homens.

A pesquisa revela que a multiplicidade de papéis não é sinônimo de *stress*, que a atividades remunerada é importante para o bem estar psicológico e conclui que as mulheres que possuem atividade profissional possuem níveis de bem estar psicológico mais elevados em comparação àquelas que não trabalham.

Segundo Badinter (2011), nas últimas décadas houve uma revolução silenciosa no papel de mãe. Parecia ser um destino inquestionável para as mulheres, mais que isso, um instinto biológico para prolongar a espécie. Mas com o surgimento dos métodos contraceptivos que permitiram às mulheres a possibilidade de escolha, percebeu-se que o desejo de ter filhos não seria constante. A maternidade já não seria a única possibilidade de realização da mulher.

O controle da fertilidade, conforme esclarece Badinter (2010), aduz fenômenos transformadores em países desenvolvidos pois acarreta "declínio da fertilidade, elevação da idade média da maternidade, aumento das mulheres no mercado de trabalho e diversificação dos modos de vida femininos", pois "para a maioria das mulheres, a conciliação entre os deveres maternos, que não param de aumentar, e o próprio desenvolvimento pessoal continua problemática". (BADINTER, 2011).

Por outro lado, Sandberg (2013) afirma que "estudos e mais estudos indicam que a pressão da sociedade para que as mulheres fiquem em casa e façam "o que é melhor para a criança" se baseia em emoções, não em provas". Ou seja, é possível equilibrar ambos os papéis - profissional e mãe - sem culpa.

Badinter (2011) menciona que nos anos 70-80 os casais puderam experimentar uma divisão dos papéis de modo diferente com o surgimento da mamadeira que permitiu maior liberdade à mãe que poderia sair de casa ou retomar sua vida profissional, sem necessidade de permanecer "presa" à função de amamentação. O pai teve um papel importante para a libertação das mulheres auxiliando-as a exercer outros papéis; não somente alimentar os bebês, mas todos ao assumir os cuidados que antes seriam "atividades femininas" modificaram a imagem do papel tradicional do pai.

Por outro lado, no que diz respeito à igualdade entre homens e mulheres, Badinter (2011) ressalta que "no momento atual, nenhuma política familiar se revelou verdadeiramente eficaz". A divisão do trabalho entre cônjuges é sempre desigual em todos os países, inclusive os escandinavos. As responsabilidades cada vez mais pesadas que recaem sobre as mães só

agravam a situação." e além disso, "...o ideal feminino não abrange o modelo de maternidade, e a realização pessoal é a motivação dominante de nosso tempo, as mulheres encontram-se no centro de uma tripla contradição", a saber:

1. **Social:** os defensores da família desaprovam as mães que trabalham, a empresa censura os repetidos partos. Em uma sociedade em que a maioria trabalha, aquela que fica em casa corre o risco de ser rotulada de "desinteressante". A carreira profissional concede a independência, representa a liberdade e firma a sua identidade perante a sociedade.
2. **O casamento:** a criança não favorece a vida amorosa. Pesquisas têm revelado que mães descobrem apenas posteriormente a dificuldade do papel de mãe.
3. **Os desejos pessoais:** A contradição gera a divisão entre o amor pelo filho e os desejos pessoais. A essa contradição, pode ser acrescentado os momentos de inquietação pelas escolhas a serem feitas em cada fase da vida, principalmente as relacionadas com a carreira profissional e as demandas sociais. Algumas vezes não é possível conciliar todos os desejos ou necessidades e a escolha de um caminho vem junto com a renúncia de outras opções.

Sandberg (2013), em suas palestras direcionadas ao público que busca sucesso profissional, identifica uma procura maior das mulheres por um mentor ou orientador para carreira profissional: "Os homens estavam interessados em gestão de empresa, as mulheres em gestão de carreira". Comenta que a busca de um mentor "tinha se tornado o equivalente profissional de esperar o Príncipe Encantado". Ultimamente "as moças aprendem que, se simplesmente esperarem o mentor certo, receberão um empurrão da carreira e serão levadas para o escritório com janela e viverão felizes para sempre" e conclui que "mais uma vez, estamos ensinando as mulheres a depender demais dos outros".

O desejo de poder decidir sobre a própria vida não é sinônimo de liberdade na forma almejada, pois ainda deve enfrentar a necessidade de conciliação entre o casamento, a maternidade e a carreira profissional. Badinter (2010) ressalta que "o que pensávamos ser libertador e progressivo se revela também tão ilusório quanto perigoso. Alguns não hesitam em proclamar que a sabedoria se encontra em outra parte, para não dizer no passado". Angerami e Angerami (2012), ao analisar histórias verdadeiras de mulheres que buscaram orientação de carreira, relatam que, em uma determinada fase da vida, a característica de

destaque “é enfrentar momentos de decisão que modificarão muito sua vida dali em diante. Por exemplo, ter um filho agora e fazer MBA depois? Ou o contrário?”. Existe uma verdadeira corrida contra o tempo para garantir um lugar de destaque no mercado profissional e competir em condições de igualdade. Como exemplo, o caso real de uma jovem mulher que

recebera convites de grandes corporações e seu receio era voltar a trabalhar muito, não ter tempo para cuidar de sua própria vida, construir um relacionamento e voltar à vida profissional. Na verdade, ao mesmo tempo em que se sentia atraída a aceitar um desses convites, tinha medo, como dizia, de ser “sugada” pela carreira e enfrentar um desequilíbrio no lado pessoal. (ANGERAMI e ANGERAMI, 2012, p. 57)

Angerami e Angerami (2012) também acrescenta que em outra faixa etária, entre os 36 e 42 anos, há uma fase de angústia: “se é mãe e dedica mais tempo ao filho, o marido se ressentido. Por outro lado, se atender mais à família, não responderá às exigências de seu cargo”. A pressão interna da mulher é aproveitar a fase do filho pequeno, mas o mercado não a espera: a nova geração chega e ela poderá ficar ultrapassada. Por outro lado, não há segurança para conseguir abrir mão de alguns papéis (casamento e filhos) para alcançar um posto mais alto no papel profissional. Ou ao contrário, abrir mão de uma carreira para dedicar-se à família.

### **3. METODOLOGIA**

Metodologia é o conjunto de pressupostos para guiar a pesquisa, enquanto método são as ferramentas que podem ser utilizadas para conseguir o objetivo proposto. Assim, Brito (2006), conceitua metodologia como "o conjunto de pressupostos básicos que norteiam a pesquisa no que diz respeito à definição de sua natureza e dos meios válidos ou propícios à sua execução". Acrescenta que "refere-se aos aspectos conceituais, às características teóricas dos processos de gerar conhecimento" e que "a definição da metodologia norteia a escolha e aplicação do método e das técnicas de pesquisa" e conclui que metodologia reserva-se à dimensão mais concreta da pesquisa.

#### **3.1 Foco e contexto**

Esta é uma pesquisa qualitativa no contexto socioeducacional. Moreno (2014) comenta que "Os métodos sociométricos e psicodramáticos deram uma significativa contribuição para o conceito de investigador social" e acrescenta que "Os procedimentos sociodramáticos são capazes de exteriorizar e objetivar os fenômenos culturais" para "revelar as relações intergrupo e as ideologias coletivas". Além disso, "o psicodrama - assim como o sociodrama - fornece todos os apetrechos de uma sociedade humana em miniatura, representando as pessoas no auditório, a opinião pública, o mundo".

Mesmo porque, conforme enuncia Almeida (1999) "o microgrupo é configuração social carregada de condição humana, particularizada numa intimidade peculiar, mas, ao mesmo tempo, bombardeada pelos processos sociais maiores, como o é a sociedade de consumo dos tempos atuais." E que "o pequeno grupo social precisa ser contextualizado, para se ter clara a sua constituição, os seus limites, os seus objetivos, a sua gramática e a sua cena".

#### **3.2 População alvo**

A finalidade desta pesquisa foi investigar as escolhas feitas pelas mulheres, na atualidade, considerando seus múltiplos papéis e as conservas culturais a eles (os papéis) inerentes. O grupo que foi a base desta pesquisa era composto de sete mulheres, com idades entre 25 e 50 anos, profissão e estado civil distintos (Profissões: Engenheira, jornalista, secretária executiva, 2 professoras, estudante de arquitetura e psicóloga/gerente de RH).

### 3.3 A pesquisa qualitativa e o Psicodrama

A Pesquisa qualitativa investiga os fenômenos humanos, com foco no aspecto subjetivo do caso analisado, examinado suas características e experiências pessoais. Usa encontros grupais para discussão e observação do público estudado. Brito (2006) esclarece que “uma pesquisa que emprega metodologia qualitativa mais frequentemente estará alicerçada por pressupostos compreensivos e interpretativos sem relação ao fenômeno estudado, ao passo que pesquisas quantitativas geralmente definem seu objeto de estudo em termos de verificabilidade”.

Segundo Santos (2005), a emergência das ciências sociais no século XIX (período pós-iluminismo) cria condições para o estudo das ciências sociais um recurso metodológico próprio, com base na especificidade do ser humano e na sua distinção em relação a natureza. E acrescenta que "esta concepção de ciência social reconhece-se numa postura antipositivista". Dessa forma,

O ponto de partida básico desse paradigma qualitativo - na conceitualização do mundo social - é a compreensão das situações a partir da perspectiva daqueles que delas participam. Para que possa entender o mundo, o investigador deve viajar por ele, viver entre as pessoas da forma como elas vivem, aprender sua língua e participar de seus rituais e de sua rotina. (KELLERMANN, 1998, p. 49).

Nesse sentido, a pesquisa com a utilização da metodologia psicodramática, diante da especialidade nas relações humanas e nos grupos sociais, seria adequada para a investigação proposta. Com a utilização da metodologia psicodramática o pesquisador pode acessar e experimentar múltiplas possibilidades, mas nem por isso confusa. A complexidade possibilita o acesso a uma ampla gama de expressões.

### 3.3 Método: Sociodrama

Para a abordagem prática no grupo de mulheres optou-se pelo sociodrama, que conforme Moreno (2005), pode ser definido "como um profundo método de ação que aborda as relações intergrupais e as ideologias coletivas". Nesse sentido, o sociodrama será adequado para a compreensão esperada sobre as escolhas das mulheres na atualidade e seus diversos

papéis sociais e culturais. Fox (2002) acrescenta ainda que "a abordagem sociodramática lida com problemas sociais e almeja a catarse social".

Toda sociedade é representada pelo indivíduo que possui um conjunto de papéis sociais e culturais, que determina seu comportamento, suas características e suas vontades. Moreno (2005) lembra que "o verdadeiro objeto do sociodrama é o *grupo*", mas não se limita a um número definido de integrantes. Acrescenta que "o sociodrama baseia-se na pressuposição tácita de que o grupo constituído já está organizado pelos papéis culturais e sociais que são, numa certa medida, compartilhados por todos os integrantes da cultura".

Com a metodologia psicodramática, as ações dramáticas podem revelar mais do que entrevistas ou observações do analista/pesquisador. O enfoque prático visa trazer à tona os estereótipos inerentes ao condicionamento social das mulheres e que podem influenciar em suas escolhas. A primeira averiguação deve ser a exploração para compreender o mapa sociométrico do grupo. Mas para que o mapeamento seja mais exato e realista, é importante demonstrar qual o fração social compõe o grupo a ser estudado.

As diferenças intrínsecas ao indivíduo na formação do grupo possibilita uma visão mais acurada do recorte pretendido: Idade, nível econômico, interesses, formação, religião fazem com que o grupo seja enriquecido da amostra da dinâmica social.

O sociodrama, conforme Moreno (1974), "trata das relações entre grupos e ideologias coletivas" e "o sujeito real do sociodrama é o grupo e não cada um dos indivíduos". Menegazzo e outros (1995) dizem que o sociodrama "indica especificamente os papéis sociais que interagem no desenvolvimento das atividades comuns do grupo estudado, dessa forma, permite visualizar seus conflitos e fazê-los emergir visando sua compreensão". E Freitas (2005) destaca que a utilização do sociodrama privilegia o método de educação grupal, elaborado por Moreno em 1921, "no qual o grupo concretiza o próprio aprendizado, por técnicas de teatro, da sociologia e da psicologia, criando respostas espontâneo-criativas ao que vivencia".

Cabe ressaltar que

Mais do que uma simples técnica, trata-se de um método. É utilizado com pequenos grupos sociais, instituições e comunidades para avaliação de sua dinâmica, para a configuração de subgrupos, para definir responsabilidades e disponibilidades e abrir possibilidade de uma reorganização afetiva, pedagógica estrutural ou política do grupo. Quando falamos em sociodrama, estamos indicando para o inter e o intragrupal; ao contrário de quando falamos em psicodrama (sentido estrito), apontamos para o inter e o interpessoal. (ALMEIDA, 1999, p. 203).

### Sobre o sujeito do sociodrama:

Enquanto que a abordagem grupal no psicodrama estaria direcionado para um grupo de indivíduos privados (centrado na fantasmagórica pessoal), o verdadeiro sujeito do sociodrama seria o grupo. O seu objetivo seria trabalhar com problemas ou temática sociais e nos tipos representativos de dada cultura, almejando uma catarse social. (RAMALHO, 2008, p.126).

O exercício de papéis por meio de dramatizações no campo metafórico, no "como se", na perspectiva dramática, favorece a compreensão de seu próprio papel. Kellerman (1998) afirma que "o estabelecimento de papéis dramáticos é atividade mantida desde o início da civilização". O psicodrama, por meio do jogo de papéis, usando linguagens verbais ou não verbais, propicia restabelecer a espontaneidade do indivíduo para possibilitar novos olhares para alguma situação onde o agir está condicionado aos estereótipos sociais. Durante a dramatização, o indivíduo pode ter *insights* que é capaz de produzir emoções ou visões que não seriam possíveis num cotidiano contaminado.

### 3.4 Contextos – Social, grupal, psicodramático.

Em uma sessão psicodramática, são considerados três contextos: Social, grupal, psicodramático.

O **contexto social** é a vida real, as situações vividas e o cotidiano de cada um. É ali, na estrutura social onde as pessoas influenciam e são influenciadas. Mais que isso, há uma carga histórico-cultural, com modelos, leis e regras que cada ser carrega em si. Menegazzo e outros (1995) comentam que "no contexto social são mobilizadas as interações dos papéis sociais e o discurso das pessoas que constituem o grupo como sociedade. Neste sentido, tudo que acontece representa (em miniatura) a sociedade circundante". Wechsler (1999) acrescenta que nos "primeiros papéis do indivíduo veicula o contexto social" e pode ser inferido "pela descrição da classe social, econômica e cultural de nossos sujeitos".

Fox (2002) diz que "o conhecimento da estrutura social fornece uma base concreta para uma ação social racional". Deste modo, para uma leitura apropriada do indivíduo, é necessário investigar e compreender o conjunto de influências que interferem no modo de ser da pessoa humana.

O **contexto grupal** é constituído pela realidade do grupo em si, num intervalo de tempo e local escolhido e determinado. Conforme explicação de Menegazzo e outros (1995), "no contexto grupal, ao contrário, são mobilizadas as interações e o discurso específico da pequena comunidade grupal, com sua história particular, as manifestações peculiares de seu processo, o desdobramento dos âmbitos manifesto e latente, suas comunicações e seus ruídos (com seus diferentes planos de profundidade), suas transferências e suas projeções fantasmáticas." Landini (1988) explica como "tudo aquilo que se passa no "aqui dentro" da sessão" e entende que o grupo, assim como na sociedade, também possui suas regras. A diferença é que as normas do grupo são discutidas e aprovadas como num contrato, ou muitas vezes não há consenso. Algumas regras nascem no próprio grupo.

Por fim, o **contexto dramático** é quando a realidade do indivíduo é transformada para o imaginário e simbólico, o "faz-de-conta" e é desenvolvida num determinado cenário. O tempo e espaço são subjetivos, criando uma realidade suplementar, simbólica, no "como se", onde tudo é possível e permitido. Menegazzo e outros (1995) diz que "esse contexto onde pode ser desdobrada (de maneira controlada e terapêutica) a interação de todos os papéis e a concretização dramática de toda fantasia pessoal, ancestral e arquetípica, para sua elaboração e reestruturação integradora". Landini (1998) acrescenta que "no contexto dramático, o compromisso com a realidade de desfaz" e "a realidade e fantasia tem o mesmo espaço".

### **3.5 Instrumentos – Cenário, Diretor, ego-auxiliar, protagonista, plateia.**

O método psicodramático utiliza cinco instrumentos, quais sejam:

#### **a) Protagonista**

O conceito de protagonista vem do teatro grego. É o ator central. Menegazzo (1995) esclarece que "segundo a teoria de papéis e sua metodologia, na etapa da dramatização de qualquer procedimento dramático, o protagonista é o líder da dramatização, oferece seu próprio drama íntimo, sua própria investigação dramática em prol da investigação grupal".

Moreno (2014), diz que o protagonista pode apresentar um problema privado ou coletivo, explica que "as experiências psicológicas significativas do protagonista é dada uma forma muito mais completa e detalhada do que a vida permitiria em circunstâncias normais" e

acrescenta que “o psicodrama está centrado no protagonista (no problema privado do protagonista) ou centrado no grupo (no problema do grupo)”.

É relevante que os participantes se apresentem de forma espontânea, inclusive o protagonista, quem apresenta ou “empresta” seu conteúdo privado e deve estar motivado para que a sessão psicodramática possa se bem desenvolvida.

### **b) Plateia**

Denominado por alguns autores de auditório, público ou caixa de ressonância. A plateia é organizada no momento em que inicia o aquecimento. É de grande importância a fase de aquecimento e formação do grupo, pois este irá ser a ressonância do que estará acontecendo no palco durante a dramatização. Mesmo porque o papel desempenhado na cena não pertence somente ao ator/protagonista, mas também representa papéis dos integrantes do grupo/plateia. A plateia deve estar e manter-se aquecida e preparada para participar da dramatização. A grande importância de sustentar o grupo aquecido é a sua contribuição para o desenvolvimento da dramatização, acrescentar novos personagens, se necessário. Mas sempre mantendo o controle dos objetivos.

Davoli (1999) ensina que é no grupo e não nos indivíduos isolados que a espontaneidade/criatividade aparece, renasce ou ressurgir e acrescenta que a plateia deve estar sempre pronta pra participar, seja como atores, autores ou plateia mesmo. Moreno (2014) aconselha que é importante que cada membro do público seja claramente visível ao Diretor e este também deve ser capaz a ver cada gesto e expressão facial.

### **c) Cenário**

O espaço físico é um dos elementos muito importante e seu reconhecimento inicia no aquecimento. Um aquecimento bem feito considera a inserção das pessoas nesse ambiente, permitindo a familiaridade com o espaço e conseqüentemente deixa as pessoas mais seguras, reduzindo a tensão para facilitar emergir a criatividade/espontaneidade. Moreno (2014) fala que nesse espaço “a vida e a fantasia assumem a mesma identidade e o mesmo tempo” e sintetizam o “verdadeiro momento e o verdadeiro lugar”.

Menegazzo e outros (1995) explicam que o cenário “é o espaço real e virtual onde se compõe o drama e a cena presente no íntimo do protagonista”, pois “todas as pessoas carregam dentro de si um cenário imaginário onde transcorrem e são registrados os atos de sua vida”. É o local onde os papéis psicodramáticos fariam conexões com os papéis sociais.

Fox (2002) comenta que “quando um cliente adentra o espaço terapêutico, fazemos questão de obter uma delimitação, uma descrição e concretização do espaço em que a cena deve ser representada, suas dimensões verticais e horizontais, os objetos que existem nele, a distância entre eles e o relacionamento de um com o outro”. Assim “as configurações de espaço tornam-se parâmetros para o *setting* terapêutico”.

#### **d) Ego-auxiliar**

O Ego-auxiliar Integra a unidade funcional. Moreno (2014) os define como “atores que representam pessoas ausentes, tal como aparece no mundo privado do paciente” e explica que o ego primário (paciente ou cliente) necessita de ajuda (ego auxiliar) como agente terapêutico. Sendo que as funções do ego auxiliar são: a) a função de ator, representando papéis exigidos pelo mundo do sujeito; (b) a função de guia, um agente terapêutico, (c) a função de investigador social.

Landini (1988) acrescenta que o ego-auxiliar, enquanto guia ou agente terapêutico, “desempenha a ação seguindo suas próprias percepções, sensações ou sensibilidade, sendo uma extensão do protagonista”. Mas também “como extensão do diretor e deve seguir as orientações deste”. Conforme Moreno (2014), existem três tipos de papéis que podem ser retratados pelo ego-auxiliar: “poderá atuar no papel de uma pessoa real, em relação ao sujeito; poderá representar uma personagem imaginada pelo sujeito; ou pode projetar uma parte do próprio ego do sujeito” e ressalta que o ego-auxiliar tem uma posição privilegiada por estar fora da cena.

Uma das vantagens do ego-auxiliar para a sessão psicodramática é que este pode perceber detalhes que poderia passar despercebido ao diretor, intuir sentimentos e sensações do protagonista na cena, bem como cuidar da plateia, auxiliando o diretor. Bustos (2005) diz que, caso não seja possível um ego-auxiliar profissional, "os membros do grupo cumprem esse papel, muitas vezes com grande criatividade, outras, com o auxílio do terapeuta".

### **e) Diretor:**

A denominação do diretor em uma sessão de psicodrama tem origem da nomenclatura teatral. Mas no âmbito psicodramático tem a função de facilitador, coordenador. Segundo Moreno (2008), o diretor tem três funções: (i) é um produtor (ii) é o terapeuta principal (iii) é um analista social, assim:

Como produtor, deve estar sempre atento para transformar em ação dramática cada pista fornecida pelo sujeito, de modo que procure tornar a linha de produção idêntica à linha de vida do sujeito e nunca permitir que a produção perca contato com a plateia. Ao mesmo tempo que ataca e choca o sujeito, muitas vezes ele é suficientemente permissivo para poder rir e fazer piadas com o paciente; outras vezes, pode tornar-se indireto e passivo, de tal maneira que a sessão pareça ser, para todos os efeitos, dirigida pelo próprio sujeito. Como analista, ele deve complementar a própria interpretação com contribuições de informantes da platéia. (MORENO, 2008, p. 105).

Menegazzo e outros (1995) diz que em caso de intervenção socioeducacional, "Na direção de um sociodrama ou em um *role-paying* o diretor deverá mudar o objetivo de sua direção para adequá-la ao objetivo grupal, tirando-o da área do protagonizador pessoal para levá-lo, exclusivamente, ao trabalho com papéis sociais".

### **3.6 Etapas - Aquecimento, Dramatização, Compartilhamento e Processamento**

A etapa do aquecimento abre passagens prepara o grupo para a dramatização. Bustos (2005) entende que "existe uma **regra de ouro** em psicodrama: ir do **superficial ao profundo**, e da **periferia ao centro**. Isso está ligado à crescente importância do aquecimento, seja do coordenador, seja do protagonista do grupo". Também a plateia deve ser considerada nessa importância, pois é do grupo que emerge o tema e o protagonista. Bustos (2005) ainda explica que "essa etapa do aquecimento objetiva então a localização dos temas e as dinâmicas do grupo".

A fase inicial do aquecimento, denominada aquecimento inespecífico tem o propósito de permitir a redução da ansiedade ou desconforto das pessoas, propiciar conhecerem-se e fazerem-se conhecidos.

Gonçalves e outros (1988) ensinam que o "aquecimento inespecífico que pode ser verbal ou corporal e termina com o surgimento do protagonista, que poderá ser um indivíduo

ou o próprio grupo”. Segundo Davoli (1999), o aquecimento inespecífico possui duas funções: primeiro, o reconhecimento do ambiente e segundo, trazer as pessoas para contexto grupal. Dessa forma, há a necessidade de familiarizar os indivíduos às diversas dimensões do lugar e permitir que as pessoas descubram as possibilidades físicas que o ambiente proporciona.

A segunda parte do aquecimento, designada aquecimento específico, tem a intenção de encaminhar o grupo para o tema a ser desenvolvido na dramatização. Gonçalves e outros (1988) definem que “Aquecimento é o momento em que se dá a escolha do protagonista e a preparação para dramatização” e “em seguida há o aquecimento específico, ou seja, o aquecimento do protagonista, preparando-o para a ação dramática”.

Williams (1998) menciona que “o aquecimento não apenas leva a um novo estado e o desencadeia, mas também prossegue à medida que surgem novos papéis: o aquecimento e a atuação tornam-se única e a mesma coisa”.

## **b) Dramatização.**

A dramatização é a etapa que coloca o emergente grupal originário do aquecimento específico em ação. A ação dramática se dá nessa fase e é nela que acontece o “como se”, onde e quando são suspensas as regras sociais, grupais e de racionalidade física (tempo e espaço). Dessa forma, favorece o desenvolvimento do tema para investigar e contribuir para compreensão do problema trazido pelo protagonista ou grupo. Na teoria psicodramática, Moreno afirma que a dramatização é o verdadeiro núcleo da ação terapêutica, sendo que o *locus nascendi* do psicodrama é o Teatro Espontâneo.

Sobre a ação dramática, Moreno (2008) explica que "uma vez aquecido para a tarefa, é relativamente fácil para o sujeito relatar a sua vida diária por meio da ação" e que "deve-se atuar com liberdade, à medida que as coisas lhe venham à mente". Conclui que é "a razão pela qual se deve proporcionar ao sujeito liberdade de expressão, espontaneidade". Além disso, acrescenta que "o processo de dramatização é tão importante quando a espontaneidade", pois "o nível verbal é superado e incluído no nível da ação". E dessa forma,

O princípio da descoberta vem em seguida. O sujeito consegue encontrar não apenas partes de si mesmo, mas também pessoas que fazem parte de seus conflitos mentais, as quais podem ser reais ou imaginárias o teste de realidade, que em outros métodos é mera palavra, torna-se concretamente real no palco. (2008, pag.104).

Para Menegazzo (1994), o ato dramático emerge do ritual mágico e evolui no contexto rito-oferecer-mítico, sendo definido como jogo de simbologia compartilhada.

Bustos (2005) explica a dramatização em 4 momentos: (i) Montagem - onde são colocados os "elementos que constituem a base da cena no espaço dramático", com a premissa de que a "cena se desenrole diante do grupo, o que permite a seus membros participar da ação" e especificando o **tempo** e o **espaço**; (ii) Investigação - que "consiste em pesquisar e produzir a cena". (iii) Elaboração - agregar "elementos imaginários abre a possibilidade de sairmos da cena específica". Utilizar as técnicas (duplo, espelho, troca de papéis, etc..) e também propor o desdobramento da cena principal em recortes de outras cenas para melhor compreensão da busca. Finalmente, (iv) Resolução - Bustos (2005) alerta sobre o errôneo entendimento de que a cena deve ser resolvida "com o *happy ending*, o que faz que muitos profissionais se apressem em finalizar o psicodrama com a simples realização do desejo". Para finalizar a cena, propõe abrir possibilidades de alternativas ou buscar modificar algo que o protagonista ou grupo quisesse. Bustos (2005) ainda orienta que "em certos casos é preferível mantê-la aberta, sem forçar saídas", mas, essa possibilidade é para quando houver mais encontros para continuar a investigação.

### **c) Compartilhamento.**

Após a dramatização, as pessoas saem do contexto dramático (cenário) e retornam aos seus papéis de origem. Conforme Aguiar e Tassinari (1999), essa etapa "é parte integrante da sessão propriamente dita, caracterizado como o momento em que a experiência individual do protagonista, em cena, é grupalizada, permitindo a volta do protagonista ao contexto grupal sem que continue desnudado como estava no contexto dramático".

O primeiro objetivo é integrar o protagonista ao grupo, de modo a demonstrar que ele não está sozinho. Nesse sentido, Menegazzo e outros (1995) define como "o momento destinado aos integrantes do grupo que não foram protagonistas, para que compartilhem com o protagonista ou protagonistas suas próprias vivências ou experiências, papéis ou cenas que cada um mobilizou e reatualizou em consonância com o que aconteceu no cenário dramático". E acrescenta que esta etapa tem uma função dupla:

**para os integrantes do grupo**, a possibilidade de expressar verbalmente e assim compartilhar a compreensão daqueles aspectos próprios que haviam sido mobilizados durante a dramatização e que tem a ver com a história pessoal, a abertura de áreas para futuros trabalhos psicodramáticos, o enriquecimento de leque de papéis complementares; **para o protagonista** a descoberta de que seu drama, que ele expôs diante dos outros, foi compartilhado e co-protagonizado por seus companheiros de grupo. Aquilo que o diferenciou e definiu como protagonista reintegra-o nesta etapa ao grupo, de forma diferente, o que lhe permite fortalecer seus vínculos com seus companheiros de investigação. (1995, pág. 57).

Bustos (2005) orienta que "a consigna é: agora cada um precisa sentir em que ponto foi tocado pela dramatização". O protagonista, ego-auxiliar e diretor reúnem-se ao grupo e inicia o compartilhamento. Logo, o segundo objetivo é direcionado aos integrantes do grupo para que estes possam perceber seus sentimentos e *insights* acessados durante a cena dramática.

#### **d) Processamento**

O psicodrama clássico é composto de três etapas – aquecimento, dramatização e compartilhamento – e Kellermann (1998) lembra que “Moreno sugeriu um quarto estágio, a fase de análise, hoje substituída pelo que denomino como fase de processamento”. A etapa do processamento deve ser claramente diferenciada, após encerramento do compartilhamento. Bustos (2005) alerta que se deve ficar atento para que a elaboração do compartilhamento esteja completa para que esta não se sobreponha ao processamento, ou seja, iniciar uma análise racional da sessão, pois se corre o risco de transformar o protagonista no bode expiatório do grupo. Assim, Khouri, Sampaio e Albuquerque (2014) ressaltam sobre a necessidade de um pequeno intervalo de tempo para marcar passagem entre uma etapa e outra, “pois a energia empenhada no compartilhamento é emocional, e o processamento exige uma dimensão racional”. Acrescentam ainda que no contexto organizacional “é fundamental que a etapa de aprendizado seja valorizada da mesma forma que as anteriores, pois leva o participante a pensar criticamente sobre o que foi feito e compreender seu estágio de desenvolvimento do papel”.

A etapa do processamento é uma oportunidade de reflexão para consolidar a compreensão do aprendizado. Nesse sentido, Kellermann (1998) acrescenta que “o processamento pode propiciar oportunidade para uma profunda experiência de aprendizado, contribuindo para a compreensão dos complexos processos ativados no psicodrama”.

Menegazzo e outros (1995) ensinam que este momento “reforça, principalmente, a compreensão do ocorrido” e Andaló (2006) ressalta que “a etapa do processamento adquire um novo significado, passando a ser um importante momento de reflexão”.

Ademais, processamento também pode ser um *overview* do encontro como forma de aproveitar o máximo os detalhes observados, como forma de favorecer o aprendizado geral.

### **3.7 Técnicas básicas - duplo, espelho, solilóquio, inversão de papel.**

As técnicas no psicodrama são para abrir novas possibilidades de elaboração, exploração e compreensão das situações criadas em cena. Moreno (2014) ressalta que "o psicodrama teve que desenvolver numerosas técnicas para dar expressão aos níveis mais profundos do nosso mundo interpessoal". É como se fosse um conjunto de ferramentas que o diretor ou ego-auxiliar e tem como pressuposto básico a busca da espontaneidade na situação que se cuida, procurando driblar as resistências ou as conservas culturais durante a dramatização. As principais técnicas são:

**a) Duplo** - utiliza-se quando o protagonista não consegue expressar os sentimentos ou pensamentos - seja porque está inibido ou porque ainda não conseguiu elaborar o sentimento ou pensamento, por culpa ou repressão. Moreno afirma que o duplo fornece um inconsciente "auxiliar", ou seja, o duplo duplica o processo inconsciente. Gonçalves e outros (1988) explica que o ego-auxiliar ou o protagonista "adota a postura corporal do protagonista" e "a partir daí, expressa questões, perguntas, sentimentos e ideias, fazendo com que ele se identifique com este duplo". Favorece o *insight* do protagonista.

**b) Espelho** - nesse método, Moreno (1974) diz que "o protagonista é um espectador, não é participante ativo; é um observador que olha no espelho psicológico e se vê a si mesmo", e "retrata a imagem", permite ter outra visão de si mesmo. No entendimento de Fox (2002), outro uso da técnica do espelho é quando "o paciente recusa-se totalmente a agir". Para execução dessa técnica, o protagonista sai de cena e o ego-auxiliar representa-o, muitas vezes maximizando ou enfatizando algum detalhe importante.

**c) Inversão de papéis** - seria um modo de experienciar o outro. Considerando que para cada papel, há um contra-papel, a técnica possibilita ao diretor conhecer ou aprimorar a compreensão do contra-papel do protagonista. Para o protagonista, seria a oportunidade para

experimentalizar as impressões do outro. Gonçalves e outros (1988) definem que "a técnica de inversão de papéis consiste em o protagonista tomar o papel do outro e este tomar o seu papel" e acrescenta que "quando o papel a ser representado é do mundo interno do protagonista, o que ocorre é uma inversão incompleta ou simplesmente *tomar o papel do outro*".

**d) Solilóquio** - Menegazzo e outros (1995) define que nessa técnica "o protagonista ou o ego-auxiliar faz um "aparte" na interação e diz, em voz alta, o que pensa ou sente". É uma reflexão em voz alta, para revelar um pensamento oculto. Visa explorar ideias ou sentimentos não explicitados. Gonçalves e outros (1988) explica que "é uma das técnicas verbais utilizadas para tornar expressáveis níveis mais profundos do "mundo interpessoal" do protagonista". Moreno (2014) esclarece que a técnica "é usado pelo paciente para duplicar sentimentos e pensamentos ocultos que ele teve, *realmente*, numa situação com um parceiro em sua vida, o que tem *aqui e agora*, no momento do desempenho".

### 3.8 Técnica utilizada - Retramatização

A Retramatização é uma técnica para trabalhar intervenções grupais, criada por Arnaldo Liberman, usando-se a metodologia do sociodrama. O escopo principal, segundo o autor, foi para preservar a intimidade individual, mas permitir o acesso a ela. A história particular e livre de influências gerais parte do processo criativo individual para histórias co-criadas. Liberman (1994) explica:

Entendo que nossa trama pessoal se constitui de diversos fios fornecidos por nossos antepassados para que nossos pais os passem e os conduzam através de uma trama própria, até que possamos criar outros fios que possam compor outras possibilidades em um processo sem fim, que ao mesmo tempo nos liberta e nos mantém presos (...). A Retramatização trabalha em busca de fios.

Utiliza-se histórias vividas individualmente, como linhas e tramas, e passa-se para o grupo ou subgrupo finalizar um texto sociodramático, a retrama. Conforme ensina Liberman (1994), "objetiva uma vivência profunda e um questionamento das relações interpessoais, grupais e das ideologias coletivas, conforme propôs Moreno". Tenório (2005) acrescenta que "a retramatização propõe uma nova visão da história, um novo olhar, posicionamento e movimento diante dela, recriando a vida e as trajetórias".

Descrição das etapas da técnica: Aquecimento - proposta do tema/objetivo; primeiro movimento: escrevendo a história individual (trama); segundo movimento: escrevendo a história grupal (retrama); terceiro movimento: ação dramática; quarto movimento: falando aos personagens; compartilhar.

A retramatização é adequada para o sociodrama. A intenção principal da proposta/ferramenta é proteger as pessoas, para que não exponha a pessoa que trouxe a história perante o grupo. O objetivo do encontro, a princípio, não tem o condão de apresentar temas ocultos que pudessem constranger alguém. Porém, ao juntar histórias, sentimentos, sensações, personagens e contextos (linhas e tramas), cria uma multiplicidade maior de elementos que proporciona reflexões no desempenho dos papéis sociais pessoais e grupais. Tenório (2005) esclarece que “a retramatização propõe uma nova visão da história, um novo olhar, posicionamento e movimento diante dela, recriando a vida e as trajetórias”.

Embora a proposta do autor da técnica seja a preservação da intimidade individual, a escolha da retramatização para este trabalho foi por outro motivo. A partir de histórias individuais, o uso da técnica possibilita obter uma essência de como as mulheres fazem suas escolhas, sem se ater a uma vivência individual. A história co-criada na retrama permite conteúdos com mais elementos e representatividade das ideologias coletivas.

### **3.9 Protocolo do encontro**

A intervenção grupal foi realizada em 26 de Maio de 2017, das 19:30 às 21:30h em um grupo composto de 07 (sete) de mulheres, com o objetivo de investigar as escolhas entre os papéis profissionais e familiares exercidas pela mulher atual.

#### **1. Aquecimento Inespecífico**

Foi iniciado com uma breve explanação sobre o tema a ser trabalhado, feito o contrato necessário (sigilo e uso acadêmico preservando a identidade das pessoas). Em seguida, pedi que cada uma fizesse uma breve apresentação de si mesma, pois havia algumas que não se conheciam; eu também precisava conhecer o contexto de cada uma. Percebi que uma participante demonstrou muita timidez e disse em voz baixa: "ai que difícil". Outra justificou:

“olha, eu não conheço nada de psicodrama”. Mudei a dinâmica de apresentação para reduzir a tensão das pessoas.

Neste momento, pedi que formassem duplas, uma perguntaria: “quem é você?” e expliquei que as respostas seriam os papéis que são exercidos; quem estava perguntando, fazia algumas vezes e após trocariam de posição. Depois foram trocadas as duplas até que tivessem contato com todas. O jogo funcionou muito bem, pois todas responderam mencionando suas profissões, estado civil, filhos, hobbies. Percebi também que contribuiu para a descontração das pessoas e o início da grupalização.

Ainda como aquecimento inespecífico para a ambientalização, utilizei uma música - *Habanera*, ópera Carmen de Bizet, tocada pelo quarteto de cordas *Amadeus Eletric Quartet* composto somente por mulheres - e pedi que caminhassem pela sala, algumas tiraram o sapato; recomendei que sentissem a música e andassem conforme seu ritmo corporal, respirasse normalmente, prestando atenção no corpo caminhando, nos pés tocando o chão. Após algum tempo, percebi que estavam desfrutando da música, pois os corpos movimentavam-se como uma dança. Solicitei que pensassem nas pessoas de sua família, imaginassem seus papéis familiares e relacionados aos seus familiares, após alguns instantes pedi que dirigissem a atenção ao seu papel profissional e pensassem nas pessoas que convive no trabalho. A música estava finalizando e pedi para que imaginassem uma situação vivida em que tiveram que escolher entre o trabalho ou a família.

## **2 – Aquecimento específico:**

Distribui papéis e canetas e indiquei que escrevessem essa situação que haviam sido lembradas, colocando os personagens, local e descrevesse a situação. Uma delas escreveu: “Minha vida familiar e profissional está em equilíbrio”. As demais escreveram suas histórias individuais.

Foram formados 2 grupos: um grupo "1" com três pessoas e grupo "2" com quatro participantes. Distribui os papéis com o cuidado de o grupo "1" ficar as histórias do grupo "2" e vice e versa. Solicitei que escrevessem uma história, juntando os elementos das situações descritas individualmente, devendo ser utilizadas as personagens, contexto e a situação vivida, para elaborar uma cena. Acompanhei a evolução de cada grupo, esclarecendo a demanda e

dúvidas surgidas. Os dois grupos preferiram apenas conversar sobre as histórias e elaborar verbalmente as cenas. Delimitei o espaço cênico e o grupo 1 prontificou-se a apresentar-se.

### 3 - Dramatização

#### Cena 1

No contexto de uma família tradicional composta de pai, mãe e uma filha, foi apresentado o seguinte enredo: A mãe tenta convencer o esposo e a filha a mudar-se para o Brasil, pois ela havia sido convidada para um excelente posto de trabalho em uma grande multinacional, com um salário muito significativo. O esposo e a filha não queriam mudar-se de país. Tentavam convencer a mãe de ficar com eles.

Diálogos mais relevantes:

Esposa/mãe: "Vocês precisam ir comigo. É a minha chance de crescer profissionalmente".

Marido/pai: "Mas Europa é um lugar melhor para se viver"

Filha: " Eu não quero ir!"

Esposa/mãe: "Meu trabalho também é importante para a família".

Marido/pai: "O Brasil tem muita violência, eu não quero ir! Você não está pensando em nós".

Esposa/mãe: "Eu não sou valorizada pelo que faço! Eu também penso em vocês. Sou trabalhadora, é um mérito meu se eu consegui este trabalho. Você não me apoia".

A discussão continua e alguém da plateia fica indignada. Congelo a cena e peço contribuição. Alguém quer entrar no lugar da filha. Troco, peço pra pessoa da plateia entrar na cena e dizer o que deseja. A pessoa assume o papel da filha e diz:

- "Mãe, você pode ir, eu fico com o pai. Você é livre"

A mãe não responde e eu faço um duplo, dizendo: "Eu quero ir, mas não sei o que irão dizer". Pergunto se faz sentido pra ela?

Mãe: "Sim, pois minha família me cobra muito porque o trabalho é muito importante para mim". E olhando para a filha, diz: "Você tem que ir comigo".

Retorna cena, com as pessoas do grupo original. A discussão continua sem decisão. A plateia presta atenção, mas a cena já estava ficando longa demais. Congelo novamente a cena e pergunto à plateia se alguém gostaria de sugerir algo para o desfecho da cena?

Alguém sugere: "A Mãe tem que ir e deixar o pai e a filha".

Peço para demonstrar. Sugiro que entre no lugar da mãe e diga para fazer o que deseja. Peço para a pessoa no papel de mãe observar a cena. Pessoa da platéia diz, olhando para o marido e a filha: "Eu vou para o Brasil!". Conclui a fala e retorna para a plateia correndo.

A cena é retomada com a discussão sempre na mesma argumentação. Peço para efetuar a troca dos papéis da mãe pelo pai e vice versa. Não evolui, pois o tema social “mulher não abandona a família para seguir uma carreira profissional” e “posso crescer profissionalmente desde que a família permaneça junta” continua permeando os diálogos.

A mãe retorna ao seu papel e diz:

Esposa/Mãe: "Não! Eu não posso abandonar a família!! A família é a coisa mais importante em nossa vida".

Parece que ao retornar à ao seu papel original, após vivenciar o papel do “marido”, decide ficar, pois a personagem finaliza: Sim eu sei que gostaria muito de ir, mas eu acho que tenho que ficar. Uma mãe não pode abandonar um filho. Tenho que segui-los. Eu vou ficar com vocês.

## **Cena 2**

No contexto de uma mesa de bar, amigas chegam para papear. Pedem bebidas. Começam a beber e uma mulher comenta que estava num conflito para decidir algum muito importante para ela e, enfim, decidiu pelo amor. Comenta que irá deixar tudo, um bom trabalho e o marido para viver em outro país e morar com o homem que ela está apaixonada.

As amigas, demonstrando surpresa, dizem:

Amiga 1: "Como?!"

Amiga 2: "Você não deve fazer isso".

Amiga 3: "Você possui um bom emprego. E aí, como vai ser? Olha, eu sou *coaching*, posso te ajudar. Vamos marcar uma conversa planejar seu futuro".

Mulher: "Não, eu já decidi. Quero viajar e encontrar meu amor".

Amiga: "Mas e seu marido? Você vai deixa-lo?".

Mulher: "Ah, não quero saber. Ele que se vire".

Amiga: "Cuidado, você está trocando o certo pelo duvidoso".

Nesse momento uma pessoa da plateia pede para participar da cena. Pega um papel, simula um buquê de flores e vai até a cena do bar dirige-se à mulher que queria largar tudo por amor e entrega o buquê de flores e diz: "Oi amor, trouxe flores. Vem pra casa, sou seu marido, estarei te esperando. Hoje será bem quente!". Percebe-se que ela está no papel do marido que seria abandonado.

Mulher: "Tá bem. Daqui a pouco eu irei".

Marido sai de cena.

Amiga: "E aí? O que você vai fazer?"

Mulher: "Ahhh...vou pra casa mas quero ir encontrar meu amor que vive no exterior, em outro país.. Quero viver! Escolho o amor".

As amigas tentam convencê-la do contrário e dizem: "Você está errada, pense bem". Levantam-se e concluem a cena.

#### **4 – Compartilhamento:**

Após o término das cenas, solicitei que sentássemos e que compartilhassem seus sentimentos com relação ao que havia sido dramatizado, com alguma cena que houvesse provocado emoção ou identificação. Segue abaixo alguns relatos:

- Identifiquei-me muito com as cenas. Parece que sempre prevalece a família e filhos nas escolhas. Não me deixa confortável perceber isso.
- Senti-me representada nas cenas.

- Fiquei incomodada. Nossa escolha é sempre pelo outro. Isso me incomodou muito!
- A primeira cena me causou impacto grande por causa da escolha feita. Eu preciso trabalhar, pois o trabalho me dá prazer. Não consigo ficar sem ter desafios. Sinto vazio imenso se não estou trabalhando.
- Confortada. Eu perdi o emprego há algum tempo, e sinto-me desconfortável por não ter nada que fazer. Estou me encontrando. Mas acho a rotina em casa muito vazia, sem desafios.
- Recusei um bom emprego, bem remunerado para ter uma atividade mais simples e conseguir ficar mais próximo à família. Fiquei com muito medo de não ter uma segurança financeira, medo do que as pessoas iriam dizer: “Nossa, com seu potencial, você vai ficar em casa? Que desperdício!”.
- Confusa e instigada. Foi revelador. Minha família me azucrina demais, eu gostaria de largar tudo e viver a minha vida. Mas não posso largar os meus pais já idosos. Mas eles interferem muito na minha vida.

## **5 - Processamento**

Após o compartilhamento, na busca de conduzir o grupo ao mundo racional e real, sugeri uma breve pausa para beber água ou ir ao banheiro. Conforme pode ser observado, a intervenção provocou reflexões que podem estimular comportamentos sem a conserva cultural que parece ser intrínseco aos papéis das mulheres na sociedade, conforme ficou demonstrado nas cenas dramatizadas. É possível que a intervenção tenha estimulado novos comportamentos e atitudes, talvez não de imediato, mas em algumas situações futuras.

Iniciei essa etapa comentando sobre os múltiplos papéis que a mulher exerce atualmente e as transformações ocorridas nos últimos anos. Estimulei pensarmos sobre a importância de estar conscientes em relação às escolhas feitas. A primeira a manifestar-se foi a mulher que inicialmente havia dito que sua vida estava em equilíbrio entre as escolhas de família e trabalho; ela disse que havia percebido que suas escolhas haviam sido sempre para atender os outros e que iria tentar pensar mais em si. Na continuação, outra disse com firmeza que iria colocar mais limites nas vontades do marido, explicando que aos domingos tinha que ir sempre para casa da sogra e que ficava sem tempo para si. Logo, essa etapa transformou-se

num bate papo de reflexões sobre as escolhas já feitas em suas vidas e também como poderiam ser mais conscientes para decidir seus próprios caminhos, independente do que as pessoas - família, amigos - poderiam pensar.

Assim, no processamento foi ressaltado que a escolha das mulheres ainda é pelo outro, como uma reafirmação do papel secundário que a mulher tem exercido ao longo da história, da mesma forma descrita no item 2.2. Abordei a questão da conserva cultural ainda inerente aos papéis das mulheres e a importância de ser espontânea e criativas em suas escolhas. Nesse sentido, tornou possível compreender a relevância das escolhas conscientes e equilíbrio entre os múltiplos papéis sociais da mulher na atualidade. As escolhas conscientes devem estar livres dos estereótipos e condicionamentos inerentes às conservas culturais do papel da mulher.

#### 4. DISCUSSÃO.

As cenas descritas nos faz perceber que as escolhas do grupo de mulheres que participaram da intervenção sociodramática foram pela família, pelos filhos e pelo amor, enfim, como concluíram ao final do encontro, sempre pelo outro. Embora houvesse manifestações sobre a importância da atividade profissional em suas vidas e do vazio existencial de não desempenhar papéis profissionais, nas cenas dramatizadas, as escolhas foram sempre pelo outro. E o palco do psicodrama é um recorte que representa a vida real.(FOX, 2002)

Ao finalizar a sessão, observando etapas da metodologia, percebi a importância do papel do diretor no grupo. Ademais do que a teoria descreve - produtor, terapeuta e analista social - o diretor é aquele que primeiro acolhe, possibilita os vínculos grupais e depois coordena. E deve estar atento a cada momento e a cada movimento, presente no aqui e agora, ser criativo e espontâneo para perceber o grupo está pronto para dar. Moreno (2014, p.109) afirma que "no nível de realidade experiencial, os processos específicos de aquecimento preparatório interatuam e o resultado será um conjunto de dispositivos físicos de arranque". A sociodinâmica do grupo ficou demonstrada logo no início, quando foi proposto o aquecimento inespecífico de apresentação. E a sociometria possibilitou ao diretor a compreensão do grupo para as escolhas e direcionamentos necessários. (MORENO, 1974)

Não foi possível ter um ego-auxiliar para compor a unidade funcional. Ele seria importante para contribuir com novos olhares e perceber detalhes que escapam da visão do diretor e também cuidar da plateia. Entretanto, não houve prejuízos para o propósito da intervenção, pois o grupo era pequeno e as pessoas estavam aquecidas e dispostas a atuar como ego-auxiliar quando solicitado pelo diretor nas técnicas de inversão e espelho.

A pesquisa possibilitou a compreensão de algumas das questões acerca das escolhas que as mulheres fazem, uma vez que ficaram explícitas nas cenas dramatizadas. Evidenciou possíveis indicadores de que o fato de não existir tantas mulheres em cargos de relevância é mais complexo do que ofertar vagas de altos cargos executivos às mulheres, uma vez que deve ser considerada a questão das escolhas. (SANDBERG, 2013 e BADINTER, 2011)

Essas escolhas podem estar condicionadas a estereótipos do tipo "uma mãe não abandona o filho", uma "esposa não abandona a família", que foram diálogos revelados nas cenas dramatizadas. As conservas culturais que condicionam o papel da mulher na sociedade

estão impregnadas nas próprias mulheres. É como se não houvesse a possibilidade do meio termo, de decisões compartilhadas (MORENO, 2014 e FOX, 2002).

Na cena em que a mulher possuía uma proposta de trabalho em outro país e foram apresentados dois desfechos: (i) alguém da plateia pediu para concluir a cena dizendo à família que ela havia escolhido a carreira profissional e; (ii) a finalização da cena pelos atores no palco foi a escolha de permanecer com a família, com as justificativas "a família é a coisa mais importante em nossa vida" e "uma mãe não pode abandonar um filho". No compartilhar, houve um desconforto pela escolha pelo outro. Então, cabe a reflexão se as escolhas estão condicionadas a modelos preestabelecidos do papel da mulher, pois frases ditas nas cenas expressam as normas estáticas de conduta e podem ser consideradas conserva cultural, pois o papel é uma conserva cultural (MENEGAZZO e outros, 1995).

Então, de que forma as mulheres poderiam escolher sem que a decisão fosse acompanhada de renúncias? Poderiam, por exemplo, propor uma nova forma de casamento e família em que pudessem viver em países diferentes. As escolhas não precisam ser de uma dureza tamanha que sejam causadoras de rupturas onde uma parte renuncia às suas vontades. Moreno afirma que nas sociedades - primitivas e atuais - demonstram a força do grupo na estruturação da vida social (MORENO, 1974 e BUENO, 2016).

A história descrita no item 2.2.1 nos mostra a construção do papel secundário que a mulher desempenhou por diversos séculos. Então, é possível que seja árduo para a mulher participar de decisões e escolher seus propósitos em igualdade de condições, diante de séculos de participação em papel coadjuvante. Mas, apesar da dificuldade em escolher caminhos que não sejam aceitos socialmente, no momento do compartilhamento, emergiram outros sentimentos e vontades. Mulheres que estavam desempregadas ou que ficaram sem trabalho por um tempo disseram que trabalhar dá um grande prazer e que se sentiram deprimidas quando não desempenhavam papéis profissionais. A multiplicidade de papéis mostram níveis de bem estar psicológico. (SANDBERG, 20130 e POSSATI, 2002).

Para ampliar a percepção de viver o aqui e agora, e conscientizar sobre os estereótipos que não possibilita construir novos olhares para as questões socioculturais enraizadas, a metodologia do psicodrama e o sociodrama provoca o indivíduo em direção a um desejo de transformar-se, de desenvolver-se. Assim, o desafio é manifestar-se de modo novo, criativo e espontâneo, como agente de mudança no aqui e agora, buscando novas possibilidades ou novas respostas. (MORENO, 2014).

Outra questão importante que foi trazida à tona, no compartilhar, foi a missão da mulher para ser a cuidadora dos pais idosos. Havia ali uma angústia de querer viver a vida dela, mas estava presa no compromisso de cuidar dos pais. Além disso, havia angústia porque os pais ainda interferiam demasiado na vida dela. As mulheres “continuam a expressar sem grande alarde sua aptidão para preservar a vida como uma figura divinizada” (ROBLES, 2013). Então a mulher que deve cuidar dos pais idosos deve ter a missão de "conservar a vida"; por outro lado, a segunda cena apresentada, a mulher que decidiu seguir o coração e ir atrás do amor, deve ter se deixado "empolgar por perversões que desviam de seus compromissos" com o marido (ROBLES, 2013).

Para investigar as escolhas das mulheres, a técnica da retratização foi adequada para o sociodrama. Como já foi dito anteriormente, a opção pela retratização não foi pelo seu propósito específico de proteger as pessoas e suas histórias. A intenção foi para não se ater somente a uma história individual e sim obter histórias que pudessem ampliar os elementos representativos das vivências e das ideologias que estão intrínsecas nas mulheres, do manifesto ao não manifesto. A trama possibilita uma multiplicidade e abrangência de histórias, sensações e vontades nos papéis que as mulheres desempenham na sociedade (LIBERMAN, 1994).

A retratização mostrou a ser adequada para trabalhar com papéis, pois o resultado da intervenção, mesmo numa pequena amostragem trabalhada, pode trazer às cenas várias amostras - pai, mãe, filhos, namoradas, profissionais - e também as histórias vividas na família, no trabalho e no mundo, mostrando, naquele grupo, como funcionam as escolhas que as mulheres fazem. Ademais, as pessoas da plateia tem participação ativa nas cenas, pois são as histórias delas que estão sendo dramatizadas (LIBERMAN, 1994).

A retrama permite tecer histórias singulares, entrelaçando-as como por um fio único, transformando-as em um recorte valioso da vida em sociedade. Tem um significado condizente com uma das atividades das mulheres na antiguidade: fiar e tecer. Logo, histórias das mulheres se entrelaçam como uma teia, unidas por um único fio (LESSA, 2004).

A intervenção trouxe à tona as formas que as mulheres exercem seus papéis e fazem suas escolhas. Talvez sejam decisões adotadas de forma inconscientes e condicionada a comportamentos com carga cultural, pois Moreno afirma que "o papel é cristalização final de todas as situações". E isso as cenas vividas criaram condições de conscientizar sobre o exercício dos papéis da mulher atual está impregnado de conservas culturais que as

sociedades ancestrais construíram na formação dos sujeitos, dos grupos e da sociedade (MORENO, 2014 e BARROS, 2011).

O trabalho feito em uma sessão não seria capaz de demonstrar caminhos para escolhas, mas foi capaz de mostrar a hierarquia dessas escolhas. Se não há possibilidade de mudanças nos sistemas sociais, é possível criar pequenas brechas de conscientização de forma a incitar reflexões (WOLLSTONECRAFT, 2016 e BEAUVOIR, 2016).

O fato das mulheres terem ingressado no mercado de trabalho potencializou as discussões da igualdade e empoderamento. Mas isso, por si só, não garante todas as transformações pretendidas. O caminho pode estar no sentido correto, mas necessita transformações mais profundas. Primeiro, para compreender o que realmente se quer e segundo onde se quer chegar (INGLEHART e WELZEL, 2009).

O papel de mãe não poderia, em tese, ser limitador ou impeditivo para o exercício do papel profissional, ou vice e versa. Não deveria ser “um” ou “outro” e sim uma integração de ambos os papéis, caso a mulher assim o deseje. Obviamente há o momento da escolha de como viver esses dois papéis. A ausência do trabalho parece posicionar a mulher em situação inferior. É consenso que o principal motivo de satisfação é o trabalho, não somente a questão financeira, mas também o papel profissional. Mas mesmo no mundo do trabalho, há a demanda interna de abandonar sua identidade profissional de lado e priorizar a família, o outro (BATISTA, 2012, BADINTER, 2011, ROBLES, 2013 e ROCHA-COUTINHO, 2000).

É de se notar que as escolhas das mulheres estão concentradas em determinadas fases da vida. Há a necessidade de conciliar a carreira profissional, o casamento e a maternidade (BADINTER, 2010). Destaca-se que as decisões tomadas poderão modificar suas vidas dali em diante, pois há uma corrida contra o tempo para ter filhos e conseguir sucesso profissional. Assim, as escolhas estão condicionadas nas conservas culturais de seus papéis (mãe, esposa, profissional) e limitadas à uma determinada faixa etária, causando dificuldades em sua espontaneidade e criatividade para exercício desses papéis e suas escolhas conscientes (MORENO, 2014, WILLIAMS, 1994, FOX, 2002 e ANGERAMI e ANGERAMI, 2012) .

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As escolhas conscientes são reflexos da inteligência emocional em saber lidar com as demandas dos múltiplos papéis. Essa consciência de estar presente, agir com espontaneidade faz sentido quando a escolha é uma opção da mulher e não um agir conforme os preceitos sociais ou as conservas culturais.

O sociodrama pode contribuir para construir novos olhares de modo a incitar mudanças nas instituições e nas conservas culturais. Atuar no palco da vida de forma criativa é ser protagonista de sua própria história. Priorizar um determinado tipo de vida em busca de um olhar aprovador sobre a escolha não quer dizer que haveria bem estar por causa disso ou que teria maior felicidade em outra escolha: tudo depende de **como** lidar com tudo isso, de fazer a escolha consciente.

Embora o propósito da pesquisa não tenha sido abordar a questão de gênero, não há como desassociar a análise sem que seja observada sob a ótica do papel secundário que a mulher exerceu por diversos séculos. Nas últimas décadas tem sido um assunto abordado com frequência sobre temas em que há uma reflexão dessa posição secundária da mulher e a dominação masculina. Conforme ficou demonstrado no item 2.2.1, as raízes históricas das civilizações primitivas formataram as instituições e os papéis das mulheres na sociedade, seja nos dispositivos legais ou nos costumes.

Fazendo referência ao propósito da pesquisa, ou seja, as escolhas que as mulheres têm feito após as transformações e acréscimos de novos papéis, resta a reflexão de qual poderia ser o caminho necessário para estimular o rompimento de barreiras internas para propiciar um exercício dos múltiplos papéis de forma criativa. Dessa forma as escolhas poderiam ser feitas de modo consciente e sem as amarras das conservas ainda presentes nas escolhas das mulheres.

Permanece a indagação se seria importante resgatar, primeiro, o significado ancestral de ser mulher, conforme apontado inicialmente na introdução deste trabalho quando foram mencionados os inúmeros eventos sobre o “feminino sagrado”, “deusas” e na sequência avançar ou podemos ter olhar dirigido ao futuro e ao passado ao mesmo tempo. Mas para que isso faça sentido, é fundamental possuir expectativas mais definidas para saber aonde se quer

chegar. Os desejos ou interesses de uma pessoa pode não coincidir com os anseios daqueles em que se convive juntos, mesmo porque, uma coisa é escolher e decidir de modo individual e outra é harmonizar as escolhas com aqueles em que se convive. Afinal, o ser humano é um ser social que vive em grupo. Muitas escolhas vêm acompanhadas de renúncias e responsabilidades pela decisão.

O resultado aqui apresentado revela escolhas feitas para um grupo específico de mulheres, numa determinada data e local. Mesmo nesse pequeno grupo, já foi possível constatar que as escolhas têm sido feitas em consonância com o que foi mostrado no item 2.2, sobre o que diz a história, o papel e as escolhas. Seria importante, como sugestão de estudos futuros, explorar o que as mulheres realmente querem, caso pudessem fazer suas escolhas sem as conservas culturais do seu papel na sociedade.

Ao observar o resultado deste trabalho, percebo que o aprendizado da metodologia do psicodrama foi proveitoso. Primeiro, por conseguir escrever e desenvolver raciocínio sobre a metodologia e conceitos fundamentais do psicodrama, tendo em conta que minha formação e meu trabalho são completamente diferentes. Segundo, ter a habilidade para aplicar tudo isso em intervenções grupais, sobremaneira nesta que foi o escopo deste trabalho. Terceiro, por perceber que a minha formação em Direito e meu trabalho no mercado financeiro não estão tão distantes do psicodrama, porque somos todos indivíduos e vivemos em sociedade. Por muitas vezes compreendi a teoria psicodramática observando as intersecções existentes: as Leis - Constituição Federal, Códigos Civil, Penal, Lei do Consumidor, etc.. - são feitas para organizar as relações sociais e a vida em sociedade. Para que as Leis atendam as demandas sociais é necessário compreender o contexto da sociedade ou grupo aos quais é direcionada. Assim como o psicodrama tem o propósito de compreender e diagnosticar (sociodinâmica e sociometria) e tratar (sociatria) pessoas e grupos.

A experiência adquirida com a prática permitiu iniciar a compreensão e desenvolvimento do psicodramatista, tanto no papel de diretor quanto no de ego-auxiliar. O aprendizado em sala de aula, teórico e prático, foi importante e proveitoso para esse resultado obtido. Fiquei satisfeita com a escolha da técnica da retratização, pois tornou possível o trabalho grupal em sociodrama a partir de histórias individuais, tecendo fios que transforma em tramas que contém as linhas condutoras do papel da mulher em sua história.

Finalmente, o trabalho com mulheres desde o início de meus projetos com intervenções grupais foi pessoalmente um grande proveito. As histórias das mulheres com os múltiplos papéis - mãe, profissional, esposa - que, ao mesmo tempo criaram os filhos e progrediram profissionalmente é a minha história! Houve incontáveis momentos em minha vida que tive que escolher entre um papel e outro. A escolha não é fácil, pois em toda escolha há uma renúncia, ou, nas palavras de Simone de Beauvoir (2009) "todo êxito esconde uma abdicação".

## 6. REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

AGUIAR, Moysés; TASSINARI, Miriam e outros. Organizado por Wilson Castelo de Almeida. GRUPOS, A Proposta do Psicodrama. São Paulo: Ágora. 1999.

ALMEIDA, Wilson Castelo. Procedimentos grupais para usos didático e operativo. *In* GRUPOS, A Proposta do Psicodrama. São Paulo: Ágora. 1999.

ALMEIDA, Wilson Castello. O que é Psicodrama. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ANDALÓ, Carmem. Mediação grupal: uma leitura histórico-cultural. São Paulo: Ágora, 2006.

ANGELFIRE. O Código de Hamurabi. Disponível em <http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/hamur.html> acesso em 06/06/2017.

ANGERAMI, Fernanda e ANGERAMI, Stella. Bem-me-quer, malmequer: Histórias verdadeiras de mulheres e suas escolhas de carreiras. São Paulo: Évora, 2012.

BADINTER, Elisabeth. O Conflito: a mulher e a mãe. São Paulo: Record, 2011.

BADINTER, Elisabeth. Um Amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. As Deusas, as Bruxas e a Igreja. Séculos de perseguição. Rio de Janeiro: Record. Rosa dos Tempos, 2001.

BATISTA, Márcia Almeida. Retramatização e a pesquisa de papéis familiares: os avós. PUC-SP 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15120>, acesso em 25.05.2017.

BEAUVOIR, Simone. Memórias de uma moça bem comportada. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone. O segundo Sexo. Fatos e Mitos (volume 1) e A experiência vivida (volume 2). Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro. Nova Frnteira, 2016.

BLATER, Adam e BLATER, Allee. Uma visão global do Psicodrama: fundamentos históricos, teóricos e práticos. São Paulo: Ágora, 1996.

BORDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRITO, Valéria. Um convite à pesquisa: epistemológica qualitativa e psicodrama in Pesquisa Qualitativa e Psicodrama. São Paulo: Ágora, 2006.

BUENO, André. Textos sobre História das Mulheres. Rio de Janeiro: E-Book 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=9R4dDgAAQBAJ>

BUSTOS, Dalmiro M. O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática. [Tradução de Lucia Neves e Ruth Rejtman]. 3ª edição - São Paulo: Ágora, 2005.

CÂMARA, Fernando Portela. História da Psiquiatria. Vida e obra de Nise Silveira. Psychiatry on line Brasil. 2002. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano02/wal0902.php> acesso em 31/07/2017.

CAMPBELL, Joseph. DEUSAS: Os mistérios do Divino Feminino. São Paulo: Palas Athena, 2015.

CUKIER, Rosa. Palavras de Jacob Levy Moreno: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria. São Paulo: Ágora, 2002.

DAVOLI, Cida. Aquecimento - caminhos para dramatização. *In* Grupos, proposta do psicodrama. Org. Wilson Castelo de Almeida. São Paulo: Ágora, 1999.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010

EISLER, Riane. O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro. Trad. Tônia Van Acker – São Paulo: Palas Athena, 2007.

ESTES, Clarissa Pinkola. Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem; Tradução de Waldéas Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FALIVENE, Luis. Jogo: imaginário autorizado, imaginário exteriorizado, in “O Jogo no Psicodrama”. MOTTA, Julia (Org.). São Paulo: Ágora, 1995.

FREITAS, Antonia Lucia Ribeiro. Trabalhando com famílias sociais em abrigo. *in* Intervenções grupais nas organizações. Org. FLEURY, Heloisa Junqueira; MARRA, Marlene Magnabosco. São Paulo: Ágora, 2005.

FLEURY, Heloisa Junqueira; MARRA, Marlene Magnabosco (Org). Grupos: Intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático. São Paulo: Ágora, 2008.

FOX, Jonathan. O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade. São Paulo: Ágora, 2002.

FONSECA, José. Psicodrama da Loucura - Correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora, 2008

FREIRE, Madalena. “O que é um grupo”. Grupo, indivíduo, saber e parceria: malhas do conhecimento. Madalena Freire e outros. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1993.

GONÇALVES, Camila Salles; WOLFF, José Roberto; ALMEIDA, Wilson Castello. São Paulo: Ágora, 1988.

HESÍODO. Teogonia. A origem dos Deuses. Hesíodo. Trad. Jaa Torrano. Ed. Iluminuras: São Paulo, 2014.

INGLEHART, Roland; WELZEL, Christian. Modernização, mudança cultural e democracia. Tradução de Hilda Maria Lemos Pantoja Coelho. São Paulo, Francis, 2009.

KELLERMANN, Peter Felix; HELLER, Eleny Corina. O Psicodrama em Foco. São Paulo: Ágora, 1998.

KHOURI, Georges Salim; SAMPAIO, Mara e ALBUQUERQUE, Carlos Francisco Linhares de. Diálogos com a liderança através do Sociodrama e da Socioantropologia: das cenas temidas ao desenvolvimento de competências. Rev. bras. psicodrama vol.22 nº.1 São Paulo 2014.

LANDINI, José Carlos. DO animal ao humano: uma leitura psicodramática. São Paulo: Ágora, 1988.

LEONARD, Linda. A mulher ferida. São Paulo: Summus, 1997.

LIBERMAN, Arnaldo. Retramatização: uma proposta psicodramática. Trabalho para obtenção do título de psicodramatista pela FEBRAP. São Paulo, 1994.

MENEGAZZO, Carlos M. Magia, Mito e Psicodrama. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ágora, 1994.

MENEGAZZO, Carlos; TOMASINI, Miguel A.; ZURETTI, Maria M. e colaboradores. Dicionário de Psicodrama e Sociodrama - São Paulo: Ágora, 1995.

MICHELET, Jules, 1798-1874. A Feiticeira. Tradução de Ana Moura. São Paulo: Aquariana, 2003.

MONTEIRO, Regina Fourneaut. Jogos dramáticos. São Paulo: Ágora, 1994.

MORENO, Jacob Levi. Quem sobreviverá? Edição para Estudantes. Trad. Moyses Aguiar. São Paulo: Daimon, 2008.

MORENO, Jacob Levi. Palavras do Pai. Tradutores: J. C. Landini & J. C. V. Gomes. Campinas, SP: PSY, 1974.

MORENO, Jacob Levi. Psicodrama. São Paulo: Cultrix. 2014. Trad. Álvaro Cabral.

MORENO, Jacob Levi. Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. São Paulo: Ed. Mestre Jou: 1974.

MORENO, Jacob Levi. Teatro da Espontaneidade. – São Paulo: Ágora , 2012.

NERY, Maria da Penha. Grupos e intervenção em conflitos – São Paulo: Ágora, 2014.

PINHEIRO, Ralph Lopes. Código de Manu. Disponível em [http://www.geocities.ws/cp\\_adhemar/ehd06codigodemanu.html](http://www.geocities.ws/cp_adhemar/ehd06codigodemanu.html). Acesso em 02/06/2017

PSICOLOGIA: Ciência e Profissão. Biografia. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932002000100014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000100014) acesso em 31/07/2017.

POSSATTI, Izabel Cristina e DIAS, Mardônio Rique. Multiplicidade de Papéis da Mulher e seus Efeitos para o Bem-Estar Psicológico. Artigo. Universidade Federal da Paraíba:2001 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14353.pdf> . Acesso em 02/06/17.

RAMALHO, Cybele. O sociodrama e o *role playing* na prática sociopsicodramática. *in* Grupos: intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático. Org. MARRA, Marlene Magnabosco e FLEURY, Heloisa Junqueira. São Paulo: Ágora, 2008.

RELEITURAS, Textos. Disponível em [http://www.releituras.com/coracoralina\\_vida.asp](http://www.releituras.com/coracoralina_vida.asp), acesso em 31.07.2007.

ROBLES, Martha. Mulheres, mitos e deusas; trad. Willian Lagos e Debora D. Vieira. São Paulo: Aleph, 2013.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. Trabalho apresentado no *Simpósio Relações Sociais de Gênero: Possibilidades e Perspectivas de Análise Psicossocial*, na XXX Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia, Brasília, DF, 2000. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2004000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000100002) acesso em 08/07/2017.

SAMPAIO, Mara. Atitude empreendedora: descubra com Alice o seu País das Maravilhas. São Paulo: Editora Senac, 2014.

SANDBERG, Sheryl. Faça acontecer: mulheres, trabalho e a vontade de liderar. Tradução Denise Bottmann - 1ª edição - São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2005.

TENÓRIO, Cristiane Gama. O Sociodrama como Instrumento de Investigação das representações sociais sobre a Loucura. In. *Intervenções Grupais nos direitos Humanos*, Org. Fleury e Marra. São Paulo: Ágora, 2005.

WECHSLER, Mariângela Pinto da Fonseca. Psicodrama e construtivismo: uma leitura psicopedagógica. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.

WIKIPÉDIA. Cora Coralina. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cora\\_Coralina](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cora_Coralina) acesso em 31/07/2017

WILLIAMS, Anthony. O Psicodrama Estratégico: a técnica apaixonada. Tradução Carlos Eugênio Marcondes. São Paulo: Ágora, 1994.

WILLIAMS, Anthony. Temas Proibidos: ações estratégicas para grupos. Trad. Silvana Finzi e Carmen Fischer – São Paulo: Ágora, 1998.

WOLLSTONECRAFT, Mary. Reinvidicação dos Direitos da Mulher. Trad. Ivania P.Mota. São Paulo: Editora Boitempo Editorial, 2016.